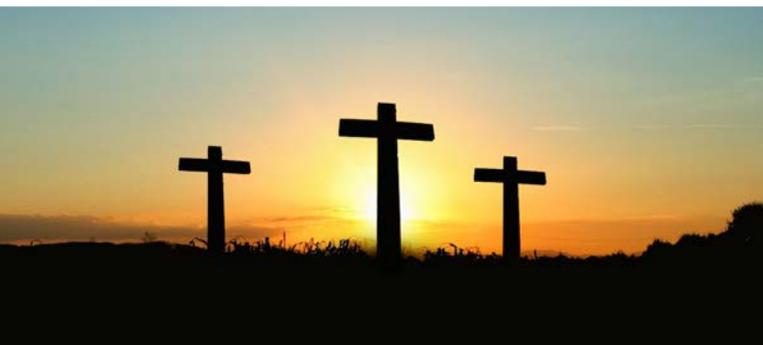


UMA INTRODUÇÃO À **TEOLOGIA BÍBLICA**



Conteúdos

1.1 - Introdução	4
1.2 - O poder duma história	6
1.3 - Os eventos bíblicos	8
1.4 - O jogo dos 05 eventos	12
2.1 - A criação	14
2.2 - A criação do homem à Sua imagem	16
2.3 - Princípios da criação	20
2.4 - A Criação teológica na bíblia	23
3.1 - A queda - Adão e Eva	25
3.2 - A queda - Caim e Abel	27
3.3 - A queda - rebelião e dilúvio	30
3.4 - A queda - A Grande Babilónia	31
4.1 - Israel - A aliança com Abraão	33
4.2 - Israel - Moisés e a lei	36
4.3 - Israel - David e o reino	37
4.4 - Israel - Os profetas e a esperança	39
5.1 - Jesus - O rei vindouro	40
5.2 - Jesus - A reforma de Israel	43
5.3 - Jesus - Ensinamentos e advertências	45
5.4 - Jesus - A crucificação	47
6.1 - A nova criação - A ressurreição de Jesus	48
6.2 - A nova criação - O envio do Espírito	50
6.3 - A nova criação - A mensagem da boa nova	51
6.4 - A nova criação - A restauração de todas as coisas	54
7.1 - Recontando a história	56
7.2 - Recontando a história - A história do templo	59
7.3 - Recontando a história - A história de aliança	61
7.4 - Recontando a história - Efésio durante a história bíblica	62
8.1 - Desenvolvendo a teologia - A história do Sabbath	64
8.2 - Desenvolvendo a sua teologia - A história do dinheiro	67
8.3 - Aprofundando mais	68
8.4 - Reformulando tudo em torno da grande história	72

1.1 - Introdução

Este é um curso para se lhe apresentar uma maneira de ler a bíblia, que se chama "Teologia Bíblica". O principal objectivo do curso é aprender a ler e entender bem a bíblia. O mesmo destina-se àqueles com um certo tipo de cargo na vida clerical, em geral, e àqueles com a responsabilidade de ensinar aos outros, a partir da bíblia, em particular. Todavia, esperamos que ele faça sentido para qualquer cristão que queira crescer em sua fé e aprender como aplicar o que a bíblia diz em sua própria vida.

O curso é justamente feito num grupo contextual, para que você possa desfrutar dos aspectos argumentativos do mesmo, aprendendo dos outros, à medida que difundem a bíblia juntos, bem como com alguém para os guiar e garantir-lhes que desfrutem o máximo do curso.

O que esperas alcançar neste curso?

"Estamos comprometidos na pregação e no ensino fiéis das escrituras como nossa autoridade primordial e última."

Esta é uma declaração com a qual muitas igrejas e denominações estariam satisfeitas e muitas delas contêm uma terminologia similar em suas declarações de fé. A questão é: o que na verdade isso significa? Isso leva-o a difundir a sua visão fundamental daquilo que a bíblia é, e como ela deve ser compreendida e vivida.

"É a palavra de Deus." Esta talvez seja a visão mais comum da bíblia, dentre os cristãos, e ninguém vai discutir isso como uma afirmação. Todavia, não nos ajuda, necessariamente, quando começamos a questionar a sua autoridade e como devia ser aplicada.

"Faça o que ela diz." Esta é a pessoa que vê a bíblia como um livro de princípios criados por Deus, a que devem ser obedecidos. No entanto, isto pode gerar confusões, tanto quanto a bíblia não contém princípios, e as partes que os contêm podem, às vezes, parecer contraditórias. Por exemplo, temos alguns princípios claros relativos à comida que devemos e não devemos consumir, em Levítico, enquanto Jesus parece contradizer isso em Marcos 7.

Como é que determinamos os princípios que nos são permitidos e os que são permitidos às outras gerações?

"Siga o Novo Testamento apenas; o Antigo Testamento não se aplica mais."

Esta pessoa também acredita que a bíblia é um livro de princípios, mas está satisfeita por se concentrar nas partes dos passos de Jesus. Isto pode, também, ser confuso, pois mesmo Jesus parecia seguir o Antigo Testamento seriamente. Será que ignoramos alguns ensinamentos morais, tais como os 10 Mandamentos? Se seguirmos os 10 Mandamentos seriamente, será que isso significa que devemos manter o Sábado da mesma maneira que os Judeus o fazem?



“Acreditamos no que ela diz.” Esta pessoa vê a bíblia como um livro de promessas feitas por Deus, que podemos recebê-las por simplesmente acreditar nelas. Mais uma vez, a confusão prevalece quando você tenta identificar as promessas que Deus fez a pessoas específicas numa época específica, e aquelas que qualquer pessoa devia agarrá-las. Por exemplo, Salmos 91 é favorito de muitos cristãos para suplicar protecção divina contra qualquer perigo. Será que isso significa que Jaime (que foi decapitado) e outros grandes santos que morreram pela sua fé não tiveram fé suficiente para suplicar esta promessa?

“É a revelação de Deus ao mundo.” Esta pessoa vê a bíblia como um meio para saber como Deus é. Juntando tudo o que a bíblia diz sobre certos assuntos, podemos criar uma “doutrina”, e podemos usar todas aquelas doutrinas para compreender Deus e o que ele quer fazer no mundo. De facto, provavelmente seria mais fácil ler um livro de doutrina sistemática do que fazer todo um trabalho necessário para reunir toda a informação na bíblia. Acha que isso é o que Deus queria?

“A bíblia é uma história reveladora que nos chama a ser parte dela.” Isto, na essência, é teologia bíblica, que desvenderá algo de todos os pontos de vista, mas se difere de cada um deles. Ela vê a bíblia como uma história vasta, com cada parte contribuindo para um todo. Cada parte bíblica só pode ser interpretada correctamente quando vista em seu lugar em toda história.

Este curso é totalmente sobre a compreensão da “história vasta”, e a aprendizagem da leitura e interpretação das escrituras à luz desta história.

Perguntas para discussão:

- 1) O que a bíblia significa para si?
- 2) Como influenciou a sua vida no passado?

1.2 - O poder duma história

Embora não possamos estar cientes dela, a verdade é que cada um de nós está a viver uma história neste preciso momento. Chamamo-la visão do mundo, que é a história com a qual fomos educados, ajudando-nos a fazer sentido do mundo.

Questões tais como **“De onde venho?”**, **“Por que estou aqui?”** formam a base da nossa visão do mundo.

Em culturas ocidentais, a visão do mundo dominante é de que viemos dum acidente cósmico. Não há nenhum criador; estamos aqui puramente pelo acaso. Portanto, não há nenhum sentido último ou propósito na vida. Cada um de nós se torna seu próprio rei, tentando fazer qualquer coisa que puder por um relance de felicidade, antes que

a nossa existência cesse. É por isso que muitas histórias do Ocidente são sobre indivíduos descobrindo um amor, ou tornando-se um herói, vivendo uma aventura emocionante.

As culturas africanas e orientais vêem Deus como o criador, mas o papel dos antepassados é extremamente importante. Isto dá origem à importância da família e da comunidade. Uma vez, perguntei a uma mulher xhosa o que ela pensava da origem da humanidade; ela falou-me sobre os primeiros antepassados do povo xhosa. Ela achou sua identidade em sua tribo, e o seu propósito foi muito mais servir e ajudar a sua família alargada e comunidade.

A história em que vivemos é uma motivação poderosa para o que fazemos, como nos sentimos em relação à vida e o que esperamos. Recentemente, falei com um senhor muçulmano, que via a vida toda como sendo algo que está completamente nas mãos de Alá. Significava que ele se recusava a tomar qualquer precaução para com a Covid-19; sem máscara nem distanciamento social; simplesmente porque quando for a hora de qualquer um morrer, ninguém pode fazer algo para evitar a morte. As nossas histórias definem as nossas vidas.

Este é um dos segredos do poder da bíblia. A bíblia é uma história para a qual você é convidado a integrar. A história está a dirigir-se a algum lugar. De facto, ela tem a mais grandiosa conclusão, da qual cada um de nós tem a chance de participar.

O nosso trabalho como pregadores e instrutores da bíblia é substituir a visão do mundo de alguém pela história bíblica. Veja; se me considerar cristão, mas continuando a viver com a minha visão do mundo ocidental, nada fundamentalmente muda na minha vida. Posso frequentar a igreja e fazer um novo grupo de amigos, mas os valores básicos da minha vida são os mesmos. Ainda vivo dentro do meu egoísmo, da minha ganância, do meu desejo pelo poder. As nossas vidas mudam profundamente apenas quando mudamos as nossas histórias.

Quanto mais você perceber e alinhar-se à história bíblica, mais se considerará a viver dentro da visão da verdadeira humanidade, como Deus nos criou para viver. Quando Paulo encoraja os Efésios a viver uma vida digna do que eles receberam (Efésios 4:1), ele está a produzir a história de Deus e a mostrar-lhes que eles têm um lugar na história.

Perguntas para discussão:

- 1) Qual é a visão do mundo predominante na sua cultura?
- 2) Como ela tem afectado a sua vida?
- 3) Que diferença a mudança cristã faz em alguém na sua cultura?

1.3 - Os eventos bíblicos

É importante que tenhamos uma boa compreensão de todos os eventos na bíblia, antes que olhemos para a história completa. Esta secção tenta enquadrar os eventos-chave da história bíblica numa espécie de ordem.

Começamos com “No princípio” como nos é apresentada a criação. Ao Seu comando, a ordem veio do caos, a luz, das trevas, a terra, do mar, e a vida, do pó; plantas, animais e, finalmente, Adão e Eva. Foi-lhes dado um jardim bonito para cuidar, que os proveria de todas as necessidades enquanto desfrutavam da companhia um do outro, e da presença de Deus.

A única proibição de Deus era de que eles não podiam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Todavia, eles são confrontados por uma criatura com aparência de serpente que os convence a comer a sua fruta, e, portanto, a sua desobediência a Deus começa. Eles tiveram de abandonar o jardim e a vida nunca foi mais a mesma. De facto, enquanto a raça humana aumentava e se multiplicava, também o ódio e a violência aumentavam.

Deus estava irado pelo comportamento da humanidade e pela violência e pelo derramamento de sangue. Quando já não podia suportar aquilo nunca mais, Ele mandou um dilúvio que eliminou toda a raça humana da face da terra, poupando apenas Noé e sua família, e preservando os animais na arca.

Todavia, a desobediência, opressão e o derramamento de sangue continuaram, até que Deus dispersou todas as pessoas do mundo, dando-lhes diferentes línguas e causando confusão dentre elas, em Babel.

Nesta época, encontramos Abrão, que é um viajante, originalmente da área de Babel, porém foi chamado por Deus para ir a uma nova terra, a terra de Canaã. Deus muda o seu nome para Abraão, “o pai das nações”, e faz-lhe a promessa segundo a qual, pela sua descendência, todos os povos do mundo conheceriam a bênção de Deus. Abraão é o novo chefe duma nova família que carrega a bênção de Deus.

Em algum momento, Abraão e Sara geram um filho, Isac, que, por sua vez, gera gémeos, Jacó e Esaú. Jacó gerou doze filhos ao lado das suas duas esposas e duas servas, e Deus mudou o seu nome para Israel.

Onze dos seus filhos cansaram-se da soberba de José e também do favoritismo que lhe era dado por Jacó, seu pai; tendo-o vendido como escravo e mentido, afirmando que havia sido morto por um animal selvático. José chegou ao Egipto, onde conheceu tanto a benevolência como a desgraça, tendo alcançado grande responsabilidade na casa de Potifar, antes de ser injustamente acusado e levado à prisão. Em algum momento, Deus o livra e o gratifica, colocando-o como governador de todo o Egipto, onde inspeciona a colecta e a distribuição

de alimentos, tendo-lhe sido revelado por Deus que, depois de 07 anos de fartura, haveria 07 anos de fome. Essa fome fez com que a sua família visitasse o Egipto para poder ter alimentos, bem como reencontrar José e se mudar definitivamente para lá, onde a família cresceu por muitos anos até se tornar uma nação.

400 anos mais tarde, constatamos que a opressão e violência voltam a dominar. Os israelitas tornam-se escravos e clamam a Deus, devido a maus tratos. O Faraó, temendo os números crescentes dos israelitas, decreta a chacina de todos os bebés hebreus. Moisés nasce numa dessas famílias pobres, mas é salvo da chacina pela própria filha do Faraó, que o acha num cesto que flutuava a jusante do rio.

Moisés cresceu na família real, mas, aos 40 anos, ele mata um egípcio que maltratava um israelita, e tem de fugir para o deserto, onde, nos 40 anos seguintes, vive como pastor de ovelhas. Finalmente, Deus o chama para livrar Israel da sua opressão. Com a ajuda de Arão, seu irmão, ele enfrenta o Faraó e decreta as 10 pragas como sentença, culminando com a morte do primogénito em cada família. Os israelitas são livrados pelo sangue do Cordeiro Pascal, que cada família usou para proteger a sua casa. Eles fogem do Egipto e, miraculosamente, atravessam o Mar Vermelho, onde os seus opressores são impedidos e afogados.

Os israelitas juntam-se no Monte Sinai, onde Deus faz uma aliança com eles, aceitando segui-Lo de todo o coração. Todavia, antes mesmo de a aliança ser consagrada, os israelitas começam a sua desobediência adorando todos o bezerro dourado. Isto marca um período difícil de 40 anos, vagueando pelo deserto, em que Deus decretou que ninguém daquela geração herdaria a terra que Ele havia prometido, devido à sua infidelidade. Somente Josué e Caleb confiaram em Deus e, por isso, foram capazes de guiar a geração seguinte até à Terra Prometida.

Seguindo a liderança de Josué para herdar a Terra Prometida, ocorrem dias sombrios em que os israelitas são oprimidos pelas nações vizinhas, e clamam a Deus. Deus levanta vários líderes que lhes proporcionam liberdade por um tempo, mas, sucessivamente, os israelitas começam a adorar outros deuses e a opressão rapidamente começa novamente. Finalmente, o povo clama por um rei para o guiar, para que seja como as nações vizinhas.

O primeiro rei de Israel torna-se soberbo e medroso, e, por isso, Deus escolhe David que é descrito como sendo um homem segundo o coração de Deus. A promessa de Deus para David é de que o seu reinando duraria eternamente. Não obstante as suas falhas, o reinando de David vive uma paz e prosperidade além de Israel, que as herda Salomão, seu filho. Salomão é conhecido pela sua sabedoria e boa governação, até que as suas concubinas estrangeiras distanciem o seu coração de Deus.

Roboão, filho de Salomão, começa a oprimir o povo e, como consequência, o reino divide-se em 10 tribos do norte e 02 do sul, conhecidas, agora, como Israel e Judá.



Esta é a época em que Deus levanta profetas para chamar a atenção do povo para que se volte à aliança que Ele tinha feito com eles.

No entanto, as tribos do norte continuam com a sua idolatria e são levadas ao exílio e destruídas, como nação, pelo Império Assírio. As tribos do sul têm épocas de se voltar a Deus, mas a idolatria e opressão não se distanciam das mesmas, e elas são também exiladas pelos babilônios por 70 anos.

No fim dos 70 anos de exílio, alguns israelitas regressam e reconstróem o templo e as muralhas da cidade, em Jerusalém. Todavia, mesmo durante este período, a idolatria e opressão ainda continuam enquanto esperam pela grande visão dos profetas se cumprir.

400 anos mais tarde, depois de tanta esperança e expectativa, derrota e desilusão, ouve-se uma nova voz: “O Reino de Deus está aqui”, afirmava Jesus, enquanto Ele curava os enfermos, dava a consagração religiosa aos oprimidos e humilhados, perdoadando pecados, juntando os estrangeiros, pecadores e traidores. Embora Ele tenha vindo como Rabino, a Sua mensagem era agradável e subversiva, amável e perigosa, e as autoridades acharam que era melhor se livrarem dele.

Depois de 03 anos de ministério público, Jesus foi preso, julgado e considerado culpado por blasfémia e entregue às autoridades romanas para crucificação. Os seus amigos íntimos abandonaram-No e foi deixado à mais brutal morte de todas. No terceiro dia, Jesus ressuscitou dos mortos e apareceu aos seus discípulos em certas ocasiões, preparando-os para o Pentecostes, época em que o Espírito Santo desce sobre todos eles e poderiam fundar um movimento novo dos seguidores de Jesus.

A sua responsabilidade era a de gerar seguidores de Jesus em cada nação do mundo, até que Ele volte para restaurar todo o bem que havia sido destruído pelo mal e pecado, e criar um novo mundo em que o céu e a terra estão juntos inseparavelmente, e cada um está total e alegremente sujeito à Sua lei.

Esta é uma breve visão global da história bíblica. Naturalmente, há mais do que isto na Bíblia. Existem os 05 primeiros livros que se chamam Pentateuco, que contém ensinamentos de Deus para Israel, bem como a história da entrada até à Terra Prometida.

Ao longo da história dos livros, temos a poesia e a literatura da sabedoria e os livros proféticos numerosos que pertencem a lugares diferentes na linha de tempo dos eventos.

Tarefa:

A sua tarefa esta semana é retirar os eventos delineados acima, e colocar cada um dos livros bíblicos na linha de tempo a que pertence. Na verdade, isto vai ajudá-lo a compreender a razão pela qual cada livro foi escrito, a quem se destina e a importância da sua mensagem.

(Dica: embora esta tarefa pareça assustadora, há numerosos gráficos já feitos por outros que facilmente podem ser apanhados na “internet”.)

1.4 - O jogo dos 05 eventos

Até a este ponto, juntámos alguns dos eventos bíblicos mais importantes e definimos a que linha de tempo cada livro pertence. Assim que entendemos isso, é possível julgarmos que conhecemos a bíblia e a sua mensagem. No entanto, há um perigo aqui; podemos conhecer os eventos bíblicos, mas nunca compreendermos o enredo abrangente. Podemos entender o que aconteceu sem necessariamente compreender a mensagem.

O que Jesus fez depois da ressurreição, mas antes da sua ascensão?

Lucas 24 fala-nos sobre duas aparições que Jesus fez aos seus discípulos depois da sua ressurreição.

Os versículos 24-27 e 44-45 dão a impressão de que Jesus tinha, de imediato, um propósito definido. Estes eram os judeus que haviam sido ressuscitados nas escrituras e haviam ouvido falar das histórias, de memória, e, ainda, Jesus lhes dá um entendimento recente das mesmas. **“Tudo o que está escrito sobre Mim na Lei de Moisés deve cumprir-se, os Profetas e Salmos. E depois, Ele abriu-lhes suas mentes, para que pudessem compreender as Escrituras.**

Na sua sequência, Lucas regista que Jesus lhes apareceu por um período de 40 dias e falou-lhes do Reino de Deus.

Jesus estava a recontar-lhes a história de Israel, mas sendo Ele mesmo o centro da mesma. Ele estava a remodelar o pensamento deles sobre as escrituras, durante os 40 dias de estudo bíblico. Quando Pedro se levantou para pregar no dia do Pentecostes, o seu sermão originou-se do que ele havia aprendido de Jesus.

Jesus era, desde o início, o foco da história, apesar disso, escondeu-se isso de muitas pessoas. Os discípulos chegaram a entender que Jesus era, de facto, o cumprimento de tudo o que o Antigo Testamento (suas escrituras) havia prometido. Estas escrituras eram “a sombra” da verdade que, então, havia aparecido em Cristo (Colossenses 2:17). Portanto, para entendermos o Antigo Testamento perfeitamente, precisamos lê-lo aguardando Jesus ansiosamente e entender que a verdade a que se refere é apenas totalmente percebida, a partir do trabalho que Jesus fez.

Quando olhamos para a bíblia como um todo, podemos sintetizar as suas diferentes partes, entender que cada parte é uma peça importante da história, mas a mesma é perfeitamente importante quando for colocada correctamente em toda a história.

Citar o estudioso do Novo Testamento, NT Wright, é como o jogo dos 05 eventos. Um jogo é uma história que se pretende apresentar perante uma audiência. Ela divide-se em diferentes secções ou eventos. Cada evento está ligado a todos os outros, de tal maneira que um seja parte integrante da história, mas cada parte tem um contexto e propósito especiais. Se alguém, no evento 05, estivesse para começar a actuar como se estivesse no evento 02, tornaria a história confusa. Cada evento deve ser visto e entendido à luz do lugar que tem na história.

NT Wright sintetiza os diferentes eventos da seguinte maneira:



Portanto, encontramos-nos no evento 05. Podemos ler tudo na bíblia, desde o livro de Actos em diante, como sendo relevante para nós agora. Todavia, o que lemos nos eventos anteriores deve moldar a maneira como vemos a história a revelar-se, mas, apenas, quando a interpretamos por meio de Jesus. Assim sendo, remodelaremos a maneira como lemos e entendemos muito da bíblia.

Tomemos, por exemplo, a história de David e Golias. Muitos pregadores adoram contar a história do oprimido, enfrentando o gigante e, no fim, vencendo-o, apesar de todos os obstáculos. Ela mexe tanto com muitos de nós que queremos levantar-nos e vencer. No entanto, como é que Jesus contaria esta história? E se Jesus fosse o centro e o herói da história? Agora vemos aquele Jesus, despojado e vulnerável, suportando todos os poderes aterrorizantes dos inimigos de Deus. Ninguém mais poderia enfrentá-los, mas, perante todas as dificuldades, Jesus suportou o poder do pecado, da morte e do mal e, completamente, venceu-os, deixando os seus irmãos fazerem cumprir aquela vitória por toda a terra.

Alguns exemplos adicionais:

História	Interpretação sendo uma história autónoma	Interpretação sendo Jesus o herói da história
Abrão e Isac (Gênesis 22)	Abrão confia em Deus e, corajosamente, oferece seu filho. Devíamos ser mais como Abrão e vivermos sacrificialmente pela fé.	Entendemos que Deus, o Pai, oferece o Seu Filho Unigénito, no Monte Moriá, o lugar que se tornou Jerusalém. Ele providenciou a ovelha sacrificial no lugar de Isac, para que ele vivesse.
Moisés e o êxodo (Êxodos 11)	Moisés invoca Deus para libertar o seu povo, e Deus lhe responde com sentenças sobre os perversos. Deus nos ajudará a combater os que estão contra nós.	Jesus, o cordeiro pascal de Deus, é morto e o seu sangue livra o seu povo da opressão do pecado, da morte e do mal.
Jonas e o peixe grande (Jonas 2)	Jonas é julgado pela sua desobediência, mas Deus também lhe concede misericórdia por salvar a sua vida dentro dum peixe. Assim sendo, Deus nos julgará pelos nossos pecados, mas também temos a esperança da Sua misericórdia.	O sacrifício de Jesus foi no lugar de muitas nações. Ele sofreu e foi escondido da morte, mas Deus o ressuscitou dos mortos no terceiro dia, demonstrando o seu poder derradeiro e a sua autoridade.
David e Mefibosete (2 Samuel 9)	David concede misericórdia a um homem deficiente, e nós deveríamos igualmente conceder misericórdia a pessoas necessitadas.	?

Tenta interpretar o último rectângulo. Onde está Jesus nesta história?

O que temos estado a fazer aqui é procurarmos interpretar a bíblia da maneira como Jesus teria explicado aos seus discípulos. É o que ficou conhecido na igreja primitiva como a “doutrina dos apóstolos”.

Esta é uma parte crucial para interpretar bem a bíblia. Vamos levar uma semana, analisando cada uma das partes da bíblia para ver como podemos lê-las e entendê-las à luz da história vasta, com Jesus no centro de tudo.

Questão para discussão: leia sobre a vida de José em Gênesis 37-50. Onde é que vê Jesus nesta história?

2.1 - A criação

Desde os dias de Charles Darwin (um biólogo do século 19 que propôs a teoria da evolução), a igreja e o mundo têm incessantemente discutido Gênesis, Capítulo 1. Crentes têm estado a colocar em dia esta discussão, combatendo a visão materialística do mundo da grande evolução. Pode ser como se estivéssemos a lutar pela verdade da evidência de Deus e ou da autenticidade da bíblia. Tem sido tanto foco, dentre os cristãos, que paramos de a ler de qualquer outra maneira. Facilmente perdemos o encanto, a glória e a teologia que aquela passagem pode ensinar-nos. Quando o autor chegou a descrever a criação, ele não tinha ideia de escrever algo das ideias científicas modernas. Na verdade, ele escreveu-nos uma canção ou um poema para nos apresentar a Deus, o criador de tudo, e para entender o mundo à nossa volta, e os nossos lugares como humanos na Sua criação. Isto cria a base da nossa história, de onde viemos e por que estamos aqui. Dá-nos respostas a algumas das perguntas mais básicas da vida.

Olhemos para o que o primeiro capítulo pode ensinar-nos.

1) A criação perfeita de Deus

O ritmo é definido – “noite e manhã, noite e manhã”. E depois o coro “Deus viu que era bom”. Repitam “Era bom”, e uma última vez “Era muito bom”. Porque Deus, o Perfeito, Todo-poderoso, o Criador de tudo para observar na sua integridade e dá o Seu veredicto “muito bom” é maravilhoso. Ele satisfaz-Se com a Sua criação. Ele ama-a; é preciosa para Si. E diz-nos muito sobre Si. As qualidades invisíveis de Deus podem ser claramente vistas. Os céus afirmam a Glória de Deus. O céu nocturno, a floresta, a queda da água, a planície desértica, tudo nos dá o vislumbre da Sua beleza, harmonia, ordem, do Seu poder, detalhe e da Sua sabedoria. Toda a ordem criada, na sua essência, é boa.

Alguns lhes foi ensinado que a ordem criada é má, para que o nosso propósito como cristãos seja deixar o corpo e o mundo físicos, e sejamos levados como espíritos

desencarnados para o reino espiritual, enquanto este mundo se destrói e extingue-se pelo juízo de Deus. Grupos inteiros têm-se afastado, no mundo, dando importância à corrupção do mundo e esperando que todos nós sejamos arrebatados. Alguns têm difundido a boa nova de Deus de deixarmos o reino físico e irmos viver para o paraíso pela eternidade quando morrermos. Esta percepção, segundo a qual o mundo espiritual é bom enquanto o físico é mau, tem mais a ver com o filósofo grego, chamado Platão, do que com a bíblia.

Devemos deixar esta percepção da criação perfeita de Deus tornar-se uma das bases fundamentais da história bíblica. Ele gosta do Seu mundo, do Seu cosmos. Ele gosta do que Ele fez, Ele aprecia-o. Isso nos inclui a nós. Somos a Sua mão-de-obra, Sua obra-de-arte. Isso inclui o mundo que nos rodeia. Podemos e devíamos desfrutar do que Deus fez, deixar que tudo nos ensine sobre Si, para que sejamos parte da Sua criação e isso O louve.

Esta percepção completa toda a história, como o amor e a satisfação de Deus porque tudo o que Ele fez é uma motivação clara dos Seus actos redentores. Ele não quer resgatar um grupo escolhido da humanidade, mas o Seu plano é voltar a reconciliar-Se com toda a criação, incluindo a humanidade.

2) A ordem do caos

Começemos da cena das trevas e das águas caóticas. A expressão hebraica é “Tohu wa bohu”, que significa “amorfo e vazio”. Esta é a visão antiga, antes da criação, trevas e caos.

E depois, Deus fala. Suas palavras têm poder. Ele passa 03 dias a criar, por meio da Sua palavra poderosa, separando a luz das trevas, o céu acima, da água abaixo, e a terra da água. Este é Deus a trazer a ordem do caos, para que a vida possa prosperar. Depois, Ele passa 03 dias a completar o Seu mundo. O sol, a lua e as estrelas, os peixes e as aves, as criaturas terrestres e os humanos. Dia após dia, Ele está a desfazer “Tohu wa bohu”, amorfo e vazio, e cria e completa o Seu mundo, até Ele observar tudo o que Ele escolheu, e vê-o sendo completo e próspero.

Sempre que Deus estiver activo no mundo, vemos a ordem do caos, para que a vida prospere. Sempre que Deus se afastar, vemos o caos a começar a dominar, e o mundo começa a parecer-se com o seu estado pré-criado, por exemplo, com Noé e o Dilúvio, ou com Moisés e as 10 pragas.

3) O descanso final

Depois dos 06 dias de criação e preenchimento do mundo, Deus entra na Sua criação para descansar e reinar como um Rei que entra em sua sala de trono. Este é o único dia em que não há noite nem manhã, como se o 7º (Sétimo) Dia fosse estabelecido para durar eternamente. Esta é a descrição do propósito final de Deus para a Sua criação, com a humanidade desfrutando de tudo o que Ele tinha criado, e consigo mesmo sendo o centro da Sua criação, desfrutando da mesma também.

O apóstolo João, muitos anos mais tarde, teve uma visão duma cidade sem templo, pois Deus e Jesus são o seu templo, e não há sol nem lua, não há dia nem noite, nem manhã, e os reis da terra trazem-lhe o seu esplendor (Apocalipse 22 e 22). Assim dizendo, desfrutar-se-á a criação totalmente, com Jesus no centro e isso será eterno.

Questão para discussão: o que aprende de Deus, à medida que lê a narrativa criacionista de Gênesis 1?

2.2 - A criação do homem à Sua imagem

Vimos como Gênesis 1 nos ensina sobre Deus, sobre a Sua criação e sobre o nosso lugar como humanos na Sua criação. Depois de criar tudo, a Sua última acção da criação é dar origem ao homem, à Sua imagem. Isto coloca o homem distinto do resto da criação. Somos os únicos seres criados à Sua imagem. Vale a pena examinar o que isso significa.

1) O jardim como um templo

Imagens e ídolos

No mundo antigo, em que numerosos templos eram construídos para diferentes divindades, a última coisa a fazer quando se terminasse a construção era colocar a imagem dessa divindade no interior. A imagem é, na verdade, a mesma palavra que a traduzida para “ídolo” em nossas bíblias. Destina-se à representação daquele deus. Quando olhamos para a imagem, vemos algo da compreensão daquilo que esse deus seja. Por exemplo, no Hinduísmo, um dos seus deuses chama-se Ganesha, retratado com a cabeça de elefante. Um dos seus atributos é remover obstáculos, por isso, a sua imagem contém o elefante.

A proibição de fazer qualquer coisa à imagem de Deus

Ora, o Deus da bíblia definitivamente proíbe quaisquer “imagens esculpidas”, que são esculturas que pretendam representá-Lo. Porquê? Porque Ele já fez a Sua imagem, não a partir de madeira, nem de pedra, mas quando Ele fez o homem à Sua imagem. Nós somos a Sua imagem, feita para O representar no Seu templo. A vontade de Deus era de que o homem se multiplicasse e povoasse a terra, e como o fazemos, alargamos o templo e representamos a Deus em toda a criação.

O rio do templo

Observou que um rio nasce de Éden e divide-se em 04. É como um convite de sair de Éden, para descobrir e trazer a vida ao mundo à nossa volta. Muitos anos mais tarde, o profeta Ezequiel lamenta a perda do templo em Jerusalém, e tem uma nova visão dum novo templo, do qual nasce um rio. A princípio, uma corrente suave, mas, à medida que ela faz o percurso, fica mais profunda e forte, e, onde quer que percorra, traz vida. Mesmo para os lugares sem vida, ao salgado Mar Morto, ela traz a vida e a beleza da criação, com as árvores a florescer em suas margens. Éden está a desenvolver-se e a alargar-se.



Os templos mais antigos representam Éden

Esta é a história do templo visto na bíblia. O templo está num lugar em que o céu e a terra se cruzam, onde os reinos espiritual e físico coincidem, onde Deus e o homem se encontram. O jardim foi o primeiro templo. Deus e o homem convivem numa amizade jubilosa. O tabernáculo e o templo ambos têm adornos que evocam as memórias de Éden. Coloca-se a lâmpada, com os seus 07 ramos, adornada com pétalas e flores, as colunas do templo, decoradas com romãs e cobertas de desígnio de lírio. Eles remetem à época em que Deus e o homem conviviam em harmonia.

Éden sendo usado pelos profetas

A bíblia usa estas imagens de Éden enquanto os profetas apontam a uma época de renovação do povo de Deus. (Isaías 35:1)

“O deserto e a terra seca ficarão saciados;

o deserto rejubilar-se-á e florescerá.

Como o açafraão, transformar-se-á em flor;

rejubilar-se-á grandemente e gritará por júbilo.

A ideia de paz com animais selváticos é também usada. Lembre-se de Daniel na toca dos leões (Daniel 6) e Jesus no deserto (Marcos 1:13).

A ideia de paz com animais selváticos é também usada. Lembre-se de Daniel na toca dos leões (Daniel 6) e Jesus no deserto (Marcos 1:13).

O templo final

A imagem do templo é vista outra vez na nova Jerusalém, que desce do céu em Apocalipse 21. Ela é distinta pela sua forma, um poliedro perfeito tão cumprido quanto largo e alto. Isto nos lembra do sagrado dos sagrados, o lugar no tabernáculo e no templo, que eram os lugares mais sagrados, onde Deus e o homem se encontravam. Era um poliedro perfeito, com apenas 5m³ no tabernáculo, 10m³ no templo, e acima de 2.000.000m³ na nova criação. Imagine-se a conduzir da Cidade de Cabo à fronteira mais longínqua da África do Sul e de Moçambique; isso é o cumprimento, a largura e a altura da nova criação. O templo está a crescer. No final, Deus vai encher a terra, o céu, o universo. Será o Seu verdadeiro templo.

2) Missão para dominar

Controlar no trabalho da família de Deus

Assim como os que foram feitos à imagem de Deus, nós representamos a Deus para o resto da criação. O plano de Deus é que a criação procure a humanidade para ver Deus. Há uma série de coisas que nos colocam do lado do resto da criação de Deus - nossa criatividade, nossa autoconsciência, nossa habilidade para aprender e crescer, mas o sentido principal de ser à imagem de Deus suporta o que se dá no texto; para dominar sobre os peixes, os pássaros, o gado e todas as criaturas. Aqui, dominar significa cuidar, controlar no lugar de Deus. Fomos convidados para o trabalho da

família de Deus como parte do grupo de controlo. A ênfase é fazermo-lo da mesma maneira que Deus o faz. Ele é o dono. Ele estabeleceu o trabalho para o qual fomos convidados a controlar as coisas da mesma maneira como Ele faz. Devemos ser como Deus a trazer a vida do caos, para que a vida floresça.

Controlar - evoluir enquanto cuidar

Os recursos da terra foram-nos colocados nas nossas mãos. Viu que, no convite fora do jardim, há ouro, resina aromática e pedras preciosas? Foram-nos dados. Podemos usar os recursos do mundo. Nossos avanços - o disco, o motor, a electricidade, os semi-condutores, os computadores quânticos - são tudo o resultado de nós usarmos os recursos do mundo e trazermos-lhes ordem. Todavia, o nosso papel é cuidar, bem como usar os recursos. Devemos assegurar que o planeta que nos foi dado floresça e aumente a vida. Isso inclui toda a vida, não apenas uma parte da humanidade na nossa geração, mas, mais amplamente, por conseguinte, os nossos animais e as plantas florescerão, qualquer pessoa em qualquer parte do mundo florescerá, e as futuras gerações florescerão. Isto é parte do nosso clamor.

O clamor de Israel

Seguindo em frente na história, Deus chamou Israel para que fosse o reino dos sacerdotes (Êxodos 19:6), uma nação completa que poderia representar Deus para o mundo, em vez duma única família.

A verdadeira imagem de Deus

Finalmente, Ele enviou o homem, Jesus Cristo, que era a verdadeira imagem de Deus, para que fosse o seu representante para toda a criação. “Aquele que me vir vê o Pai” (João 14:9). Paulo diz “O Filho é a imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15). Agora podemos ver com que Deus se parece porque vimos Jesus. Também podemos ver com que a humanidade se parece, sem a maldição do pecado. Vemos compaixão e justiça, fé, alegria, mágoa, graça, ódio, mansidão. Esta é a humanidade perfeita, tal como Deus nos fez. Quando pensamos em nos transformar mais em Cristo, na verdade, estamos a transformarmo-nos totalmente em humanos como Deus pretendia.

O novo reino dos sacerdotes

Aqueles que agora são crentes em Jesus, crentes “em Cristo”, são chamados para ser parte do trabalho de representar Deus para o resto da criação. Estamos efectivamente a cuidar do mundo e a trazer a Sua lei para ser suportada. Agora somos chamados aos Seus sacerdotes nobres (1 Pedro 2:9). Assim sendo, temos dois papéis: aproximamo-nos de Deus, em vez da Sua criação (isto é, somos chamados a orar), e aproximamo-nos da Sua criação, em vez de Deus (isto é, como comunidades, mostramos ao mundo com que Deus se parece e anunciamos a boa nova de que Jesus é o rei verdadeiro).

Questão para discussão:

1) qual é a implicação da imagem de Deus em nós quando nos deparamos com problemas sociais, tais como racismo, dificuldades, pobreza e aborto?

2.3 - Princípios da criação

Até então, analisámos Gênesis 1 e 2, e procurámos perceber o que esses capítulos nos dizem a respeito de Deus, da sua criação e do nosso papel como homens. Hoje analisamos alguns outros princípios importantes, a partir desses capítulos.

1) A dignidade do trabalho

Vejam onde o trabalho se encaixa nesta história. Constatamos que Deus é o primeiro a trabalhar. Não apenas no Seu trabalho de criação, mas também na Sua obra em plantar no jardim. Ele fez com que todos os tipos de árvores crescessem, que eram boas para alimentação e atraentes.

Adão foi retirado da linha e colocado no jardim. Sua tarefa é cuidar do mesmo. Tratá-lo da mesma maneira que Deus o tinha tratado. Ele estava a continuar com o trabalho de Deus. Isto é importante. O trabalho não é o resultado da queda como algumas pessoas pensam. Esta lá na ordem criada, antes de qualquer maldição da terra. É a maneira como Deus concebeu a humanidade para viver. O trabalho tem um valor intrínseco para a humanidade. É parte do que nos faz sentir totalmente humanos. Ter um trabalho, produzir, disfrutar do fruto do seu trabalho. Há uma grande dignidade nisso. Somos como Deus a esse respeito.

É também a maneira como Deus nos provê. Sua provisão é edificada dentro da criação. Ela vem, à medida que usamos os recursos que Deus nos deu, acreditando que Ele a multiplicará. A Adão Deus deu recursos abundantes. Ele tinha sementes para lançar à terra, solo rico e nutrientes, luz solar e água. Também tinha a qualidade de aprender as habilidades e a sabedoria para beneficiar as suas culturas, e a força física para gerar. Em algum momento, ele lançou a semente à terra, acreditando que, no próprio tempo de Deus, Ele a fará germinar e crescer, assim ele terá comida para se alimentar e mais semente para lançar à terra.

Este processo é importante, independentemente do trabalho que fazemos, usando os recursos a que temos acesso, tendo em conta as nossas habilidades e o nosso conhecimento, e que ajudamos a produzir algo que multiplicou o seu valor, e permitir-nos-á receber mais recursos de que viver e com que trabalhar.

Há muito ensinamento erróneo sobre “viver pela fé” como uma forma de provisão. Somos chamados a uma dependência de fé em Deus Pai como Adão. Assim dizendo, devemos ser produtivos, para que a nossa produção seja digna, permitindo que os outros floresçam. Paulo é o maior exemplo disto, declarando-se aos líderes da igreja, em Efésios, que ele lhes tinha dado um exemplo a seguir. Trabalhando muito, eles poderiam prover-se a si mesmos, aos seus colegas de trabalho e aos desfavorecidos dentre eles. Também chamou atenção à Igreja

Tessalónica que, se alguém se recusasse a trabalhar, não comeria. Tudo isto provém da sua visão do mundo e da importância do trabalho.

O nosso trabalho é parte do papel que Deus nos deu a todos como dominadores e guardiões da criação. Não é simplesmente nos prover, mas tem um grande propósito de trazer a ordem do caos, para que a vida floresça. Pense em Dubai; na verdade, é um deserto. Não há nada lá, mas a humanidade é tão ingénua que, passados 50 anos, ele foi do nada para uma cidade de classe mundial. Pense nos animais que viveram nos mesmos ambientes durante milhares de anos, mas nunca se consideraram aprimorados. Mesmo para os animais mais inteligentes nunca se encontrariam os seus ambientes tão aprimorados como os dos humanos. Isto é exclusivamente algo que Deus colocou dentre nós.

Questão para discussão: o que entende por “viver pela fé”?

2) Igualdade e complementaridade

Podemos aprender tanto da relação entre Adão e Eva. Aprendemos sobre união, trabalho em equipa e, finalmente, aprendemos sobre o próprio Deus. Durante a criação, Deus separa um número de pares complementares: a luz das trevas, a água dos céus, a terra do mar, e, finalmente, a mulher do homem.

Eles são feitos à Sua imagem, homem e mulher, completamente semelhantes em relação a valor e igualdade, enquanto dominam a criação. Semelhantes embora diferentes; Adão não estava feliz. “Não é bom que o homem esteja sozinho.” Porquê? Porque não podia cumprir com a tarefa que Deus lhe tinha dado por si só. Ele precisaria de ajuda; não nos moldes que um animal poderia ajudar, como um boi forte puxando uma charrua. Nenhum dos animais poderia ajudar Adão com o que ele tinha em falta. Ele fora chamado para continuar com o trabalho de trazer a ordem do caos, o “tohu wa bohu”, o informe e o vazio. Ele sabia como moldar as coisas, mas não como as encher. Portanto, Deus criou Eva; à semelhança de Adão, mas tão diferente. Eva foi capaz de nutrir a vida e dar-lhe frutos. Juntos poderiam moldar e encher a vida. Juntos poderiam cumprir com a sua tarefa dada por Deus, a de difundir o domínio de Deus e enchê-lo na terra.

Portanto, eles eram iguais em valor, mas diferentes em funções. Precisamos de cada um deles para cumprir com o que Deus nos incumbiu de fazer. Há uma interdependência entre homem e mulher. Isto nos dá uma visão no próprio Deus, que é três em um. Completa a igualdade e ainda a diversidade em tarefas.

A bíblia compara a relação entre Jesus e Deus àquela de esposa e marido. O marido é a cabeça da esposa, assim com Deus é a cabeça de Jesus (1 Coríntios 11:3). Há funções diferentes, que não têm nada que ver com mais ou menos importância.



Paulo usa a relação de Jesus para com a Igreja, para nos mostrar o que significa chefia em união. Simplesmente porque Jesus amava a Igreja que colocou a Sua vida à disposição para a cuidar e proteger, assim os maridos mostram a mesma vida, dando cuidados e sacrifício severo pelas suas esposas (Efésios 5:28). Este é meio da liderança de Jesus e dá o modelo que Ele quer, para que todas as uniões funcionem.

Questão para discussão:

1) que conhecimento clerical vê a partir destes princípios na criação?

2.4 - A Criação teológica na bíblia

Ao longo das 03 últimas abordagens, vimos como a história da criação, registada nos capítulos 01 e 02 de Gênesis, nos diz deste Deus, do mundo em que vivemos, e do nosso lugar no mundo. Quero usar esta abordagem para lhe mostrar como se usa a teologia quando analisamos a bíblia. Entender estas bases significa que podemos criar uma base teológica que pode permanecer resistente e não ser mal interpretada por diferentes visões doutrinárias que aparecem e desaparecem.

1) O único Deus verdadeiro

Embora a bíblia continue a reconhecer muitos “seres espirituais”, alguns até chamados “deuses” que foram adorados, existe apenas um Deus verdadeiro, aquele que, pela força da Sua palavra, criou o mundo e tudo à nossa volta. Paulo, o apóstolo, usa este pensamento enquanto se envolvia com pagãos em Atenas, reconhecendo muitos deuses que eles adoravam, mas lhes chamando atenção em relação ao “Deus que criou o mundo e tudo nele, o Senhor do céu e da terra”. Esta é a base da sua mensagem para o povo das religiões. Este Deus único está acima de todos os outros. Ele tem todo o poder, toda a sabedoria e todo o conhecimento, toda a autoridade. Ele é o único verdadeiramente digno da nossa adoração.

2) A adoração e idolatria

Este assunto de adoração é o que se analisa na bíblia, com a tentação da humanidade para adorar mais coisas do que ao verdadeiro Deus constantemente. Todo outro tipo de adoração é idolatria. A humanidade foi feita para amar, honrar e adorar o único Deus verdadeiro. É aqui onde apanhamos a ordem para as nossas vidas. Paulo começa a sua epístola aos romanos com as mesmas ideias. Ele diz que a criação revelou com que o verdadeiro Deus se parece, mas a humanidade fracassou ao adorá-Lo e, portanto, ficou cega, causando todo o tipo de degradação e caos.

3) A bondade de Deus

A história da criação apresenta-nos um Deus verdadeiro, atencioso e amável, bem como poderoso e sábio. Esta característica de amor pode ser vista contínua e claramente, até que João escreva em uma das últimas cartas na nossa Bíblia que “Deus é amor”; é disso que qualquer outra acção ou motivação vem. É a confiança na natureza imutável da bondade e do amor de Deus, que nos permite colocar a nossa esperança em Si. É o amor de Deus que nos leva à Sua justiça, compaixão pelos oprimidos, humilhados e vulneráveis, e Sua misericórdia e graça para estabelecer um meio de fazer com que a Sua criação errante volte para uma relação consigo Mesmo.

4) A trindade

Aqui, está também incluída, na história, a maneira como Deus chegou a ser conhecido como comunidade, Pai, Filho e Espírito Santo. Vimos o Espírito pairando sobre as águas caóticas, temos a palavra de Deus a falar para que a criação surja, e o Pai a observar e controlar o Seu trabalho. “Façamos o homem à Nossa imagem” diz Ele.

5) A terra

Vemos que a terra é dada à humanidade para dirigir. Por isso, lemos os mandamentos que Deus deu a Israel para cuidar da terra, para permitir que ela repousasse ocasionalmente, assegurando que produzisse bem. A terra está intrinsecamente ligada à relação entre a humanidade e Deus. Finalmente, a terra espera que os filhos de Deus sejam revelados. Assim que formos ressuscitados, glorificados e nos forem dados novos corpos que durarão eternamente, assim a terra será renovada, terá a sua própria ressurreição.

6) O homem derradeiro

Ao homem é dada uma função tão vital no controlo e domínio do mundo. Hebreus 2:6-8 cita Salmos 8, que se maravilha com a função dada à humanidade para governar, mas constata que não vemos isso completamente resolvido na prática. O autor depois nos direcciona a Jesus, o único homem que verdadeiramente cumpriu a Sua função como humano, o homem que trará os Seus irmãos para compartilhar a Sua glória. Aquele que nos ajuda em nossas tentações, pois Ele também sofreu tentação. Ele mostra-nos com que o homem final se parece. Portanto, mantemos os nossos olhos Nele.

O próprio Jesus gostava de usar o termo “homem” (muitas versões dizem “o filho do homem”). Ele tirou esse termo duma profecia de Daniel 7, que teve uma visão dum grande inimigo de Deus, devorando o povo de Deus. E depois, Deus aparece

para tomar o Seu lugar no trono, em seguida, Daniel vê um semelhante “ao homem” a aproximar-se de Deus e a serem-lhe dados autoridade, glória, poder, e todas as nações da terra a adorá-lo. Jesus viu-se a si mesmo nesta função, vindo sob o sofrimento do inimigo de Deus, mas, finalmente, destinado para a glória. Curiosamente, mais tarde, no capítulo, assim que um anjo interpreta a visão, não é apenas um homem simples, mas todos do povo de Deus a quem foram dados autoridade e domínio sobre todos os reinos do mundo, assim como Deus havia declarado a Adão no princípio.

Tarefa escrita: que tipo de mundo Deus pretendia que herdássemos?

3.1 - A queda - Adão e Eva

Até a este ponto, analisámos o primeiro evento no nosso jogo, a criação de tudo, e o Deus que fez que tudo acontecesse e que concebeu tudo para que funcionasse perfeitamente em conjunto. Agora, vamos ao segundo evento, a “Queda”.

1) A escolha

No meio do jardim, havia “a árvore do conhecimento do bem e do mal”. À primeira vista, parece algo bom para arrancar e comer, e, no entanto, Deus disse “Não comam o seu fruto”. Por que isto? Talvez, olhando, a fundo, para a história bíblica, nos ajude a entender. Em 1 Reis 3, constatámos que um novo líder entrou em cena. Salomão é um jovem, com o mundo aos seus pés. Ele herdou o reino de seu pai, e nós estamos a dar uma vista ao que Deus queria; um povo que O representasse para o resto do mundo. É como se tivéssemos a história da criação repetida, mas, desta vez, Salomão está no lugar de Adão. Deus lhe concede a escolha: “Pede-me o que quiseres e Eu dar-to-ei”. Salomão responde que ele é jovem e não sabe como governar. Ele pede a Deus, para que lhe conceda sabedoria para discernir “o bem do mal”. Esta é exactamente a mesma expressão, em Hebreus, que a que se usa da árvore, em Gênesis 3. Salomão passa ao teste de seguir a sua própria sabedoria, decidindo o que era bom ou mau para si mesmo, ou escolhendo a sabedoria divina e caminhando em obediência a Ele. Deus fica feliz com as suas escolhas e também lhe concede muita riqueza e honra.

Adão e Eva eram como crianças, incapazes de discernir o bem do mal. Deus queria que eles aprendessem a obediência a Si paulatinamente. Pelo contrário, eles assumiram que poderiam decidir o que é bom do mal, independentes de Deus.

Vejamos como isso desenrola.

2) A tentação

A questão primordial é “Podemos confiar em Deus?” A criatura estranha no jardim, descrita como a serpente, já tinha decidido revoltar-se contra o domínio de Deus. Ela usa uma combinação de mentiras e perguntas sutis que minam a confiança de Eva na bondade de Deus. Essencialmente, ela diz-lhe que Deus está a tentar afastá-la de tudo o que ela poderia cumprir. Se ela tomasse decisões por si mesma, ao invés de seguir o que Deus lhe dissera, ela poderia ser como o próprio Deus.

Depois de ouvir as mentiras, ela começa a olhar para o objecto da tentação. Ela analisa-o, pensando no quão bom ele parecia e o quão desejável o resultado seria.

3) O pecado

Como Eva pensou sobre tudo isso, ela acreditou em todas as mentiras e no desejo pela independência, e originou o pecado, e levou e comeu o fruto. Adão, as escrituras afirmam, estava com ela, aparentemente, um espectador passivo, enquanto ela era enganada. Repentinamente, pela primeira vez, na experiência humana, eles sentiram vergonha.

Cobrindo-se - eles viram-se diferentes; sem mais confiança em Deus, que os fez, eles ficaram autoconscientes e quiseram cobrir-se, escondendo-se um do outro.

Escondendo-se de Deus - eles ficaram com medo e esconderam-se de Deus; o sentimento de medo fez com que eles se retirassem de Deus, assustados do que Deus pudesse ver se O fossem encarar.

A morte entrou no mundo - Deus lhes disse que, se comessem o fruto, poderiam morrer; apesar disso Adão e Eva ainda estavam vivos; no entanto, o poder da morte estava à solta, tanto em suas vidas pessoais, como nas vidas que lhes haviam sido dadas para cuidar. A morte é o poder que desfaz a criação. Ela traz caos aonde havia ordem. Ela traz divisão aonde havia harmonia. “O pecado, quando aumenta completamente, origina a morte” (Tiago 1:15). A consequência do pecado de Adão e Eva é a entrada da morte no mundo. Os seus horrores são vistos nos capítulos seguintes, a partir de violência, opressão, ódio e morte física que, rapidamente, ocorreram neste mundo perfeito que Deus havia declarado “muito bom”.

4) O juízo

Este é um assunto vital ao longo da história bíblica. O juízo não é nenhum Deus irado, punindo a humanidade desamparada. É propriamente Deus o juiz justo, agindo para fazer coisas justas. É a sua resposta ao comportamento destrutivo que traz o caos à ordem da criação. Os seus juízos sempre vêm para trazer redenção.

No caso de Eva, o seu juízo repercutia mais a tarefa dada por Deus, de nutrir a vida e associando-se a Adão. Isso teve um grande impacto em mulheres, ao longo da história,

em termos dos perigos da dor associada ao parto. Esta é a área que demonstra a nossa fraqueza e dependência em relação a Deus. O seu juízo, na verdade, fez com o homem O procurasse e reconhecesse a necessidade da Sua misericórdia.

Semelhantemente, a Adão, o juízo associado a si teve uma repercussão no seu trabalho. Ele já não era confiante no sucesso do que ele cultivava. Outra vez, isso o trouxe a um lugar de dependência em relação a Deus, pela sua provisão e pela própria vida.

Para a serpente, o juízo não continha nenhuma redenção. É o caso de que alguns dos juízos de Deus são derradeiros. Há um sentimento de que nenhum outro mal pode ser feito, que basta. Os Seus pronunciamentos são de que a serpente rastejará pela sua barriga, uma humilhação para a criatura que pretendia ser como Deus. Há também a promessa de que os descendentes da mulher esmagariam a cabeça da serpente, uma referência óbvia da vitória vindoura de que Jesus venceria o mal.

5) O exílio

Adão e Eva são expulsos do jardim e da presença de Deus. Esta é a primeira de muitas histórias de exílio nas escrituras, cada com o sentimento de que perderam algo muito precioso e, constantemente, desejando reavê-lo. Muitas pessoas, hoje em dia, têm vivido a mesma história de desalojamento, de acreditar que as coisas seriam melhores, de não achar o cumprimento de saber o que há algures. Há ecos de Éden em qualquer coração, feito de algo que elas nunca apanharão verdadeiramente longe de Cristo.

Questão para discussão: como é que a fé e obediência estão ligadas?

3.2 - A queda - Caim e Abel

A história da queda não é apenas encontrada no capítulo 3 de Gênesis. De facto, enquanto a história desenvolve, constatamos que os assuntos são constantemente repetidos. Para justificar o ponto, o autor usa muitas das mesmas ideias na história de Caim e Abel.

1) A escolha

Não nos é dito, na história, por que o sacrifício de Caim foi recusado, enquanto o de Abel foi aceito. Isso é algo a que podemos dar atenção, mais tarde, em relação à história bíblica. Para já, tudo o que sabemos é que Caim ficou irritado. Este é, mais uma vez, o momento de escolha, para fazer o que é certo, ou para não fazer o que é certo. Ele pára atrás da árvore de novo, a decidir se procederá do jeito que Deus pretendia que o fizesse, ou do jeito que ele acha que está certo.

2) A tentação

A ira é normalmente o fruto da idolatria, ou seja, amar mais algo do que a Deus. Quando aquele ídolo estiver assustado, a resposta natural é a ira, e nem o pecado está muito aquém. Neste caso, Deus descreve um outro animal semelhante a uma criatura que se chama “pecado”, que se deita à porta de Caim, a desejá-lo. À semelhança da serpente, que engana a Adão e Eva, esta criatura efectivamente tenta atrair Caim para que esteja longe dos caminhos de Deus. A Caim é dito que deve controlar ou dominar esta criatura.

3) O pecado

Caim é incapaz de dominar a criatura, e, irado, leva o seu irmão ao campo, aonde ele o mata. Aqui vemos em detalhe gráfico do quanto o pecado e a morte estão relacionados. Aqui vemos o primeiro exemplo do quanto os homens começariam a tratar um ao outro enquanto cedessem aos desejos da besta. O quanto a violência seria usada para estabelecer uma hierarquia de poder. Isto é o que ocorre quando a humanidade rejeita os caminhos de Deus, e vive independente dEle.

Assim como na história anterior, o pecado leva à vergonha e ocultação. Deus procura Abel, mas Caim oculta a história e mente a Deus.

4) O juízo

Mais uma vez, a terra é amaldiçoada, assim como com Adão, embora pareça que a maldição seja particularmente contra o uso da terra por Caim, ao invés da terra, no geral.

5) O exílio

Caim sai da presença de Deus e é destinado a ser um “vagabundo sem descanso”. Todavia, há também misericórdia, como ele recebe uma marca para o proteger contra aqueles que o quissem matar.

Portanto, vemos que muitas partes da queda de Adão e Eva são repetidas na história de Caim e Abel. Constatamos que as partes iniciais da bíblia nos ajudam a entender a condição humana, e por que nos encontramos no estado em que estamos. Continuamente, deparamo-nos com a escolha entre viver na confiança em Deus e de Sua dependência, e fazer nossas escolhas, baseadas no que Ele diz e quer, ou viver independentes, e fazer as nossas escolhas em relação ao que é bom aos nossos próprios olhos e ao que achamos que seja melhor.

Essas escolhas são cruciais para a maneira como nós e os nossos próximos viveremos. Vivendo em obediência a Deus significa que nossas vidas assumem a ordem que Ele traz, enquanto viver em desobediência traz o caos que caracterizou o cosmos antes da criação.

Questão para discussão: que outras histórias de tentação existem na bíblia? Consegue retirar um exemplo similar a qualquer uma delas?



3.3 - A queda - rebelião e dilúvio

Até então, vimos as consequências da tentação individual, rebelião e pecado. Também vimos Deus a agir para conter o pecado. Todavia, depois de Caim, encontramos um dos seus descendentes, Lameque, a vangloriar-se por fazer uma vingança impiedosa contra qualquer um que o ofendesse. De facto, ele avisa a sua família que emularia Caim e iria além em sua autodefesa. A humanidade está a caminhar a tempos sombrios

O que se desvenda em nossa história agora é o que o mundo perfeito de Deus se torna como consequência do desmoronamento do homem para a violência e opressão.

A rebelião nos domínios físico e espiritual

O capítulo 6 detalha o mundo em rebelião contra Deus. Isso é mostrado tanto nos domínios físico como espiritual.

Em primeiro lugar, parece haver uma rebelião dentre “os filhos de Deus”, fazendo de esposas “as filhas de homens”. A percepção tradicional judaica aqui é de que os anjos, em rebelião contra Deus, causaram a destruição ao mundo por se misturar com mulheres humanas, que foi uma das principais causas do mal no mundo.

Interpretações mais modernas usam os “os filhos de Deus” para dizer reis, casando-se com mulheres de classes inferiores, ou mesmo humanos que haviam recebido imagem divina, misturando-se com outros humanos, que embora tivessem evoluído, eram como animais, sem o “sopro de Deus”.

Qualquer que seja a interpretação que favoreceres, há, indubitavelmente, uma rebelião contra Deus, tanto nos domínios espiritual como físico.

O Juízo e a destruição

Esta rebelião provocou muita violência e muito derramamento de sangue, bem como provocou dor e arrependimento no coração de Deus. Houve uma época em que Deus disse “basta”. Parece que Noé era o único que era justo aos olhos de Deus. Portanto, vemos o processo de Deus resgatar a sua criação do pecado e da rebelião, enquanto retirava a Sua mão protectora das partes da criação que haviam rejeitado o Seu domínio. Com isso, vemos a destruição em processo, e um retorno às águas caóticas, que encontramos justamente no início da história, antes que Deus começasse a trazer ordem.

Noé como o novo Adão

Constatamos que Noé é visto como o novo Adão, salvo por Deus para se tornar a “nova” criação. Ele é capaz de exercer autoridade sobre os animais. Ele é abençoado e instruído a ocupar a terra. Este não é apenas o novo Adão que descobriremos enquanto abordarmos a história, cada levando consigo a esperança e expectativa dos leitores de que o povo de Deus está finalmente a trazer o Seu domínio ao mundo.

A salvação significa resgatar

Esta talvez seja a nossa primeira história de muitas sobre salvação nas escrituras. Os opressores violentos são lançados ao fruto dos seus caminhos rebeldes, mas Deus oferece misericórdia por resgatar a Sua criação da opressão e colocá-la livre numa nova terra, onde ela possa aprender a segui-Lo completamente.

Um final idêntico

Infelizmente, tal como em muitas das “novas histórias de Adão”, há um final idêntico, com Noé encontrado nu, e uma maldição lançada a Cam e seu filho Canaã.

A primeira aliança de Deus

Aqui nos deparamos com a primeira aliança explícita feita por Deus, com toda a criatura vivente, segundo a qual Ele não destruiria a Sua criação novamente.

Questão para discussão: qual são as implicações desta história na “grande história” da bíblia?

3.4 - A queda - A Grande Babilónia

Olhámos para o desenvolvimento da rebelião dum casal contra Deus a um mundo que rejeita os caminhos de Deus, com violência e derramamento de sangue, como consequência. Esta rebelião parece estar enraizada na humanidade, uma vez que a nova projecção da criação, com Noé e sua família, tem a mesma viragem.

A genealogia das nações

O capítulo 10 de Génesis apresenta-nos uma genealogia das nações que veio dos filhos de Noé, a cada um atribuídos território e língua, ocupando a terra, como Deus ordenara, no princípio, a Adão e Eva, e, subsequentemente, aos filhos de Noé.

Nesta lista de nações, encontramos um individuo em destaque, pelo nome de Nimrod. Ele era conhecido como um guerreiro poderoso, e fundou o seu próprio reino, que incluía a Babilónia e Assíria, dois dos grandes inimigos do povo de Deus que abordaremos mais tarde.

A torre de Babel

O capítulo 11 dá-nos uma visão das origens da Babilónia ou Babel, como muitas interpretações dizem. Na Babilónia vemos a criação do reino do homem, em rebelião directa contra o reino de Deus. Vemos o primeiro império, que tinha uma língua, uma cidade e um templo, e fundamentalmente, foi erguido sob violência e opressão, pelo seu fundador Nimrod, o grande guerreiro. Esta não era uma cidade que todos escolhiam para viver em harmonia, mas onde as pessoas eram usadas no trabalho

forçado. A visão de Nimrod era a de engrandecer o seu nome e aglomerar o maior número possível de povos, contrariando completamente o chamado de Deus, o de ocupar a terra.

O primeiro grande reino

Este é o primeiro “império” ou “reino do homem” que se relata na bíblia, um assunto que desenrola ao longo da história. Alguns até poderiam caracterizar o livro de Apocalipse como sendo o livro das duas grandes cidades, Babilónia e Jerusalém, o reino do homem e o reino de Deus. O primeiro império introduz os assuntos comuns a todos os reinos bíblicos, unindo-se em rebelião contra Deus, para engrandecer os seus nomes e usando a força e opressão para exercer o seu poder.

O livramento dos oprimidos

Também assistimos a Deus a dispersar as pessoas. Muitos comentadores considerariam isto como resposta, em forma de juízo, à rebelião das pessoas, causando uma “mistura” de línguas, embora o capítulo 11 apareça antes do 10, em termos temporais, e explica todas as línguas diferentes como consequência do juízo de Deus ao homem. Todavia, um número crescente de comentadores preferiria ver o capítulo 10 interpretado depois do capítulo 11, da maneira como o autor original tencionava. Eles veriam as diferentes línguas e culturas expressas no capítulo 10 da maneira como Deus planeou o mundo, com toda a riqueza que aquela diversidade traz. O capítulo 11 é então visto como o livramento divino aos oprimidos, que haviam sido obrigados a viver no sistema babilónico, exigidos a falar uma língua e adorar a Deus num modo específico. Esta pode também ser a melhor interpretação quando consideramos a teologia bíblica, enquanto vemos a temática de Deus a agir para libertar os oprimidos como uma das principais mensagens da história. De facto, vemos uma grande semelhança no dia de Pentecostes em Actos 2, em que o judaísmo se tornou um império que ressalta uma cidade (Jerusalém), uma língua (Hebreu) e um templo. O impacto da manifestação do Espírito significava que todos os forasteiros de Jerusalém ouviam as maravilhas de Deus em suas próprias línguas, poderiam encontrar-se com Deus fora do templo, e toda terra devia tornar-se santa, em vez de Jerusalém apenas. Finalmente, isto tinha o efeito de permitir que as pessoas se “dispersassem” e entrassem em todo mundo com as boas novas de Jesus.

Veremos, mais tarde, que uma grande multidão é reunida perante o trono de Deus em Apocalipse 7, em que toda a língua, cultura e todo o povo são representados, como se isto fosse o motivo para celebração, em vez de sinal do juízo de Deus à humanidade.

Portanto, podemos constatar que o reino do homem envolverá a uniformidade, a conformidade ao sistema, e a opressão daqueles que não se conformam.

Por outro lado, o reino de Deus envolve a unidade expressa em diversidade, alcançada pela graça e generosidade.

Tarefa: o que actualmente vê como a implicação da queda?

4.1 - Israel - A aliança com Abraão

A partir do mundo perfeito que Deus criou, vimos o quanto a independência do homem de Deus causou caos a um nível individual, em relação aos outros e à terra, bem como a níveis social e global. Sabemos que Deus simplesmente não exterminará o mundo e recomeçá-lo; assim sendo, como Deus salvará a Sua criação? Esta é a parte subsequente da história.

Abraão

Abraão é apresentado no capítulo 12, imediatamente após se encontrar Nimrod e ver-se o modo como o seu reino funcionava. Não há dúvida que o autor queria confrontar as duas personagens para ver dois modos de vida distintos a emergir.

Nimrod	Abraão
Vir	Ir
Uma língua	Pluralismo de línguas
Unir-se num templo	Construir altares quando partir
Construir uma cidade	Deixar uma cidade
Sedentarizou-se	Vivia em tendas
Poderoso	Vulnerável
Engrandecer o seu nome	Confiar a sua honra a Deus
Rebelião	Obediência
Julgado	Abençoado

Portanto, Deus escolhe uma família para salvar a Sua criação, de acordo com os Seus planos para trabalhar com a humanidade, no sentido de dominar o mundo.

A bênção

A fim de abordar os efeitos da maldição que viera ao mundo, Deus declara uma bênção sobre Abraão, sobre aqueles que o abençoam, e, finalmente, sobre toda a terra, pela sua descendência. Esta é a promessa de Deus para salvar a humanidade da maldição do pecado, e também Ele promete fazê-lo à descendência de Abraão.

A aliança

Mais tarde, na vida de Abraão, no capítulo 15 de Gênesis, Deus fala com ele novamente, desta vez, relativamente a uma aliança, ou um acordo de fidelidade. Em



muitos acordos escritos nesta época, ambas as partes se comprometeriam a fazer a sua parte por meio duma declaração solene. Deus, por Sua vez, promete a Abraão que ele terá um filho, cuja descendência será mais do que algo que se possa contar e que os seus descendentes herdariam a terra por que viajara. Deus decreta a tradição de andar entre animais cortados à metade (isto significaria que o grupo poderia manter a sua promessa ou pedir o mesmo tratamento que aqueles animais tinham recebido). Então, Deus faz a Sua promessa de fidelidade, que será aplicada ao resto da bíblia.

1) A bênção

Paulo é ávido por Gálatas para entender que a bênção prometida ao mundo, através de Abraão, era, de facto, a manifestação do Espírito Santo (Gálatas 3:14), que poderia trazer todas as riquezas de Deus à humanidade.

2) O filho

Paulo viu esta promessa da “semente” ou “descendência” a representar uma pessoa, Jesus (Gálatas 3:16). Ele foi o cumprimento de todas as promessas de Deus ao mundo que Ele fez a Abraão.

3) A nação

Se a descendência for Jesus, em vez de Isac, então a visão de Paulo, de que não é Israel étnico o destinatário destas promessas, mas os seguidores de Cristo que foram trazidos de todas as origens étnicas e posições sociais.

4) A terra

Ela tem sido um assunto controverso em épocas modernas. A Abraão foi prometida uma parte de terra como herança para os seus descendentes. Paulo, novamente, reinterpreta esta promessa sendo aquela que ele herdaria o mundo (Romanos 4:13), a conclusão natural da sua visão sobre o cumprimento das outras partes da aliança que Deus fez com ele. O mundo inteiro pertence a Jesus, o Rei (Apocalipse 11:15); é daqui que a história parte.

A resposta de fé

Abraão simplesmente escutou as promessas de Deus e acreditou Nele. Gênesis 5:16 descreve isto como sendo o momento em que se contou a justiça para Abraão. O termo “justiça” poderia facilmente ser usado como “fiel” à aliança”. Quando o compromisso foi concebido e Deus fez as Suas promessas, andando dentre os animais como um sinal de compromisso solene, Abraão não fez nenhuma promessa. Nem andou dentre os animais como Deus havia feito. Pelo contrário, confiou em Deus. Esse foi o cumprimento da promessa de Abraão à aliança. Foi puramente a sua fé que fez com que ele fosse considerado fiel à aliança. Paulo usa este assunto na sua carta aos romanos, anunciando-lhes que um caminho para ser considerada parte fiel do povo de Deus estava aberto a todos por confiar em Deus (Romanos 3:22).

Questão para discussão: de que maneira os cristãos vivem sob a bênção da aliança de Deus com Abraão?

4.2 – Israel – Moisés e a lei

Vimos que para tratar dos problemas na Sua criação perfeita, Deus escolhe uma família para abençoar o mundo. Vemos isto ilustrado na vida de José, um precursor de Jesus, quando ele vai da rejeição e do sofrimento para um lugar de exaltação e domínio para o benefício e para a salvação de todas as nações vizinhas. Isto leva Jacó e sua família a irem viver com José para o Egito, onde eles se tornam uma nação, mas escravizados pelo Faraó.

A história do juízo

A história miraculosa de Moisés, salvo da tirania da ameaça egípcia e levado para viver no palácio como um filho nobre, é muito conhecida, mesmo por aqueles que nunca leram a Bíblia. A sua história de libertação do Faraó é mais tarde contada à escala nacional, com Deus a levar juízo aos seus inimigos e libertação ao seu povo. Faraó, o grande rei e objecto de adoração dos egípcios, é responsável pela morte e opressão do povo de Deus. Assim sendo, Deus causa pragas para enfrentar todos os deuses egípcios e, finalmente, castiga o Faraó pela morte do primogénito, em sua terra e no seu povo.

A história de libertação

Apenas aqueles que confiam em Deus e sujeitos ao sangue da ovelha inocente são poupados do juízo divino, e são libertados da sua opressão. Esta história de libertação nacional torna-se uma grande parte da identidade nacional de Israel. Menciona-se em muitas das suas canções; é um tema fundamental para os profetas como a consideram a salvação de Deus e celebrada anualmente pela passagem da Páscoa. Na verdade, é a ceia que Jesus escolheu para explicar aos Seus discípulos a nova aliança que Ele levava para eles, uma noite antes de morrer.

A aliança com Israel

50 dias depois da libertação da sua Páscoa, a recém-formada nação de Israel encontra-se com Deus na montanha. Aqui vemos a união entre Deus e o povo de Israel. Eles comprometeram-se desde a época de Abraão, mas aqui está o momento em que eles se unirão a Deus por uma aliança. Eles fazem uma promessa vinculativa um ao outro. Deus promete que, se eles forem obedientes a Si, então Ele será Seu Deus e eles serão a Sua propriedade valiosa, o reino dos sacerdotes, representando-O ao mundo arredores. O povo responde “Faremos tudo o que o Senhor disse”. Este é um momento santo, um “momento da nova criação”, quando Deus Se une a uma família para abençoar o mundo. Infelizmente, Moisés não consegue fazê-lo em baixo das montanhas até que os israelitas fazem deuses, como imagens, a que se podem curvar, uma prática que Deus consideraria adultério, e, pela qual, doravante manifestaria a Sua intenção de Se separar de Israel. Isto frisa a grande dificuldade que, frequentemente, enfraqueceria Israel, como Deus acompanha a humanidade para trazer a Sua bênção ao mundo, embora estes humanos sejam, na verdade, parte do problema.

50 dias depois duma outra grande Páscoa, enquanto as pessoas se juntavam para celebrar o Pentecostes e a lei, deparamo-nos com um novo momento da criação, assim que Deus, o Espírito Santo, vem ao Seu povo para Se juntar, ensinando-os como viver e, desta vez, capacitando-os a ser obedientes.

O tabernáculo

A ênfase do livro de Êxodos (embora possa não ser a parte mais interessante para ler) é a restituição da presença de Deus com o Seu povo. Finalmente, Deus e o homem podem unir-se embora constatemos que o livro de Levítico contém normas que permitem que a humanidade pecadora se aproxime dum Deus santo. Isto, na verdade, aponta para o facto de que a nova criação, em que Deus e o homem podem viver em harmonia, esteja ainda distante, mas nestas normas, começamos a entender a obra de Jesus, de nos levar à presença de Deus.

Questão para discussão: qual é o propósito da lei na grande história de Deus?

4.3 – Israel – David e o reino

Depois da aliança de Deus com Israel, através de Moisés, assistimos a batalhas no deserto pelo povo de Israel, as grandes vitórias com Josué, e uma época longa de derrota sob a liderança dos críticos, enquanto Israel se debate com a idolatria, desobediência a Deus e a força dos seus inimigos nas nações circunvizinhas.

O desejo por um rei

Até então, na história, Israel sempre foi conduzido por indivíduos levantados por Deus, chamados a ser fiéis a Si e cumprir os seus destinos como representantes de Deus. Houve uma época em que o povo de Israel queria ser, justamente como as nações que via arredores, em particular, ser conduzido por um rei. As outras nações circunvizinhas consideravam os seus reis como criaturas endeusadas, nascidos acima dos outros, e destinados a reinar. Para Israel, aquele já feito à imagem de Deus, chamado a dominar em comunhão com Deus. O seu chamado por um rei foi uma outra fase para a rebelião contra os planos de Deus e a rejeição do seu papel dado por Deus, no mundo.

Saul, a escolha do homem

A sua primeira escolha é um homem que parece endeusado aos seus olhos, alto e musculoso, um guerreiro natural, aquele que os levaria à vitória em suas batalhas. Deus lhes concede a sua escolha, mesmo ungindo Saul com o Seu espírito, por um tempo, e, contudo, as fragilidades humanas nunca cessam, e levam à rejeição de Saul por Deus.

David, a escolha de Deus

Parece que sempre Deus consegue trazer bondade da rebelião do Seu povo. A escolha de Deus não tem nada a ver com um superior endeusado, mas um rapaz pastor humilde que, de coração, é um adorador de Deus. Pela vida de David, vemos o rei que Deus havia antevisto durante muito tempo. Um rei humilde, servo, que amava e servia a Deus primeiro, e honrava-O no seu domínio e reinado. Este era um modelo de Adão, um líder que servia como o próprio Deus. De facto, Deus prometeu a David que alguém da sua família reinaria eternamente no seu trono (1 Crônicas 17). É por isso que muitos profetas ansiavam por um rei como David, que reinaria com justiça e rectidão. Portanto, por David, temos a promessa de Deus de homem verdadeiro, Jesus. Vemos, em David, alegria e paz que vêm as pessoas que felizmente se submetem ao verdadeiro líder de Deus.

Salomão, o novo Adão

Com o filho de David, tudo parecia estar a começar para a emergência do verdadeiro Israel, conduzido por um rei humilde, que poria Deus em primeiro lugar e conduziria o povo ao seu destino, como as luzes do mundo. Ao invés de se sustentar na sua própria sabedoria, o humilde pede a Deus que lhe distinga o certo do errado, e honra a Deus no seu reino. A visita da Rainha de Sabá enfatiza a esperança que, aparentemente, era passageira, assim que as nações chegaram a aprender e ver com que Deus Se parecia.

A mesma história antiga

Apesar da promessa dum novo dia ao povo de Deus, com um novo propósito de verdadeiramente mostrar Deus ao resto do mundo, constatamos que tanto David quanto Salomão têm as mesmas falhas. David deixa-se levar pela tentação, “vendo” e “levando” o que ele desejava, causando adultério, assassinato e problemas familiares que constantemente o magoavam. Salomão teve a tentação da idolatria tão forte que não podia resistir à mesma, e, com isso, veio a rebelião contra Deus e a opressão do povo. Isto resultou num reino dividido e, finalmente, no exílio e desaparecimento, das tribos do norte de Israel. A esperança dum mundo, mesmo dum mundo, agora se transformou em ruínas.

Canções, sabedoria e profecia

Apesar das suas falhas, David e Salomão deixaram um tesouro rico em canções e sabedoria que têm moldado gerações subsequentes. Até hoje, a poesia de David inspira as nossas próprias canções de devoção a Deus; a sabedoria de Salomão define a maneira que entendemos como a vida é bem vivida, e as suas composições ajudaram-nos a reconhecer aquele que Deus prometeu que viria como o auge de toda a Sua história, Jesus, o verdadeiro rei.

Questão para discussão: como é que deveríamos usar a sabedoria literária enquanto servimos na igreja?

4.4 – Israel – Os profetas e a esperança

O povo que Deus chamara para que fosse o reino dos sacerdotes resistiu a ser diferente no mundo, vivendo na idolatria, opressão e sob maldição. É nesta época que Deus levanta homens e mulheres para lembrar Israel a voltar ao seu chamado original.

O papel dum profeta

Mais do que simplesmente prever o futuro (normalmente nos confundimos), os profetas que Deus levantara eram como advogados contractuais, que lembravam o povo de Israel da aliança com que se havia comprometido e enfatizavam os problemas que poderiam surgir se o mesmo continuasse na sua rebelião. Portanto, Elias avisa que não haverá chuva; Isaías avisa sobre o exército poderoso assírio; Jeremias avisa sobre o ataque pendente babilónico. Cada um deles apenas lê a lei de Moisés e cita as partes relevantes que Deus enfatizava quando Israel continuou na idolatria e opressão dos fracos dentre eles. Todavia, em suas declarações, Deus teceu os planos finais para o mundo, e, em particular, aquele que viria estabelecer o Seu reino e a Sua bênção para todos os povos.

O exílio

Este assunto nunca esteve tão distante nesta história, e aqui vemos implicações completas. Israel é infiel à aliança, e, em primeiro lugar, a Assíria, e, subsequentemente, a Babilónia invadem e retiram o povo da terra que lhe havia sido prometida. Até o templo, o lugar da presença de Deus, é destruído. Ezequiel vê a presença de Deus saindo do templo, e Jeremias vê o exílio, na Babilónia, a durar 70 anos. Daniel, assim, mostra como viver fielmente no exílio, tanto na sua submissão às autoridades como na subversão dos seus valores.

A restauração

Um outro assunto junto a advertências de desgraça e destruição foi a visão de restauração do profeta, e uma época de renovação, em que Israel, novamente, tomaria o seu lugar nos propósitos de Deus e dominar as nações. Isaías profetizou que o rei Ciro surgiria para reconstruir Jerusalém, e, depois dos 70 anos de Jeremias, foi exactamente o que aconteceu. Ageu e Zacarias juntam-se a Esdras e Neemias para encorajar aqueles que voltam do exílio a reconstruir a cidade e restaurar o templo. Todavia, a restauração que todos esperam nunca se materializa, e chegamos ao fim do Antigo Testamento, com Malaquias a lamentar-se dos mesmos problemas antigos de idolatria e opressão.

A esperança

Apesar dos problemas de que Israel se debatia, havia uma linha de esperança a que ele poderia apegar-se. O profeta Daniel viu dois reinos a emergir, que poderiam oprimir Israel, e só durante o quarto reino, o reino de Deus verdadeiramente viria e dominaria. Ele viu que, em vez de 70 anos de exílio, seriam 70 x 7 anos para “se redimir da perversidade”.

Alguns 490 anos mais tarde, durante o domínio do quarto reino, a expectativa que cresce é de que Deus está novamente em acção, e que o Seu reino brevemente será estabelecido. Deus faria o que fez antes e libertar o Seu povo do cativeiro e restaurá-lo como uma nação que seria como uma bênção para todo o mundo.

O cenário está definido.

Tarefa escrita: o que e por que os judeus esperavam nas proximidades da época de Jesus?

5.1 - Jesus - O rei vindouro

O plano de Deus de, novamente, a Sua criação se restituir a Si pela Sua família humana parece ter caído por terra, uma vez que Israel luta por cumprir o seu chamado, para ser a luz do mundo. Todavia, como constatámos no fim da última sessão, emergiam expectativas de que Deus estava para fazer algo novo.

Havia três linhas de expectativas dentre os judeus do primeiro século:

O Messias - aquele que estabeleceria o reino de Deus e conquistaria todos os seus inimigos

O Servo - aquele que, finalmente, trataria do pecado que havia provocado o seu exílio e a ocupação estrangeira

O Próprio Deus - a sua expectativa de que Deus voltaria ao templo e restauraria o seu lugar como chefe dentre as nações.

A sua leitura de Daniel levou-o a acreditar que Deus estava para agir, para estabelecer o Seu reino na terra e derrubar todos os reinos terrenos.

Os evangelhos são todos escritos com toda essa expectativa em mente, cada um afirmando, à sua maneira, que Jesus é o real cumprimento de tudo o que eles esperavam. Olhemos para o princípio de cada evangelho para ver como os autores afirmam tudo aquilo, em suas maneiras diferentes.

Mateus

Genealogia - Mateus começa a sua declaração com uma história dos ancestrais de Jesus, enfatizando Abraão e David como as duas figuras-chave da Sua linhagem familiar. Estes são os dois patriarcas que carregam as promessas de Deus para as suas descendências e constituem partes importantes na história de Israel.



5.2 - Jesus - A reforma de Israel

Nomes - Mateus enfatiza os nomes de Jesus que eram importantes no mundo judeu. Em primeiro lugar, o nome de Jesus, enfatizando a Sua missão de salvar as pessoas do pecado, que reflecte tanto os temas do Messias como os do Servo. Em segundo lugar, Emanuel, das palavras proféticas de Isaías, reconhece que isso era certamente “Deus connosco

As nações - A primeira história de Mateus é sobre homens nobres vindos do Oriente para testemunhar o nascimento do novo rei de Israel, lembrando a promessa de o Messias ser reconhecido como o rei de todas as nações do mundo.

Marcos

Introdução - Marcos não perde tempo afirmando quem este Jesus é, que Ele é o Messias, o filho de Deus.

O Mensageiro - Também enfatiza o papel que João, o Baptista, prestou em preparar o caminho para Jesus, recorrendo a passagens de Isaías e Malaquias, que ambos prometem aquele que viria para preparar o caminho, antes de o próprio Deus voltar a Jerusalém.

O testemunho do Pai - Marcos é rápido ao estabelecer a história da afirmação da voz de Deus sobre Jesus, como “Meu filho, amado; a Ti Me comprazo”, reconhecendo o lugar que Jesus tomou do verdadeiro Israel, Aquele que agradou a Deus.

O Evangelho - Marcos é ávido por chamar a atenção do leitor ao “evangelho”, à “boa nova” que tinha algo de uso técnico naquele dia para dizer “A boa nova dum novo rei”.

Lucas

Herdeiro do trono de David - Lucas regista o anúncio angelical à Maria, de que o seu filho seria o rei eterno do trono de David, e sua canção anunciaria como este reino levantará os pobres e necessitados.

O testemunho dos anjos - Os anjos anunciaram aos pastores que o “Salvador” e o “Messias, o Senhor” havia nascido em Belém.

Hoje - Lucas regista o primeiro sermão de Jesus, quando cita Isaías 61, sobre o ano do grande jubileu de Deus, em que a liberdade e restauração são vivenciadas por todos, e anuncia que começou daquele dia.

João

O verbo - Os leitores gregos de João teriam percebido de imediato quando ele usou o termo “O Verbo”, a vida que dá energia ao universo, o criador de tudo, que Se tornou carne e viveu dentre eles. Deus, em pessoa, havia vindo ao Seu povo.

Deus o filho - Ele estava a representar a Deus, mostrando a todos com que Ele se parece.

O cordeiro de Deus - John makes the connection of the passover lamb with Jesus very early on, the one who would rescue the people from the power of sin.

Questão para discussão: qual é o conteúdo da “boa nova” ou do “evangelho” a que Jesus se refere em Marcos 1:14-15?

Jesus entrou em cena numa maneira poderosa, anunciando a nova de que o reino de Deus havia chegado, e mostrando com que ele se parecia, enquanto Ele curava os enfermos, libertava os endemoniados e ensinava as pessoas sobre o reino vindouro. Obviamente, isto levantou muitas questões dentre as pessoas: Como seria este reino?; Como deveriam agir as pessoas?; Quem poderia integrá-lo?. Os autores evangélicos ajudam a responder a estas questões, mostrando-nos como Jesus veio como a continuação do cumprimento da história até a este ponto.

O verdadeiro Israel

Jesus é visto a reencarnar a história de Israel. Do momento do baptismo, em que Deus o considera Seu filho (um termo usado para Israel, anteriormente), Ele saiu das águas e foi guiado para o deserto, onde Ele permaneceu durante 40 dias e encarou a tentação. Do deserto, Ele foi à montanha e ensinou a Sua própria versão da bênção e maldição. Em seguida, Ele escolhe os 12 discípulos que seriam os Seus seguidores mais próximos. Cada uma destas histórias se reconhece a partir da história de Israel. Jesus estava a encarnar Israel; Ele triunfou onde Israel falhou; Ele foi fiel à aliança onde Israel se mostrou desobediente.

Jesus abala as pessoas a quem Ele chama para ser parte do novo Israel, escolhendo os proscritos, os pecadores reconhecidos, os pouco instruídos e a ala política enquanto rejeitava as autoridades religiosas.

O verdadeiro templo

O escritor do evangelho, João, em particular, se concentra em Jesus como o lugar onde o céu e a terra se reuniram, o verdadeiro templo. O Verbo se fez carne e “tabernaculou” entre nós (Jo 1,14). Ele era o caminho, a verdade, a vida. Ninguém veio ao Pai senão por Ele (Jo 14,6). O que o templo tinha feito durante anos, agora Jesus estava fazendo. Ele até pronunciou o perdão dos pecados, o que só era possível através do sistema sacrificial do templo. Quando Jesus declarou em voz alta: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7, 37), referia-se à figura do templo de Ezequiel 47, que tinha água viva que jorrava dele.

O verdadeiro Sábado

Tantas curas e libertações de Jesus eram feitas no Sábado, provocando muita ira dentre as autoridades religiosas. Mesmo assim, para aqueles com olhos para ver, Ele estava a anunciar algo profundo. O Sábado havia vindo numa pessoa. Tudo aquilo que o Sábado devia mencionar, descanso do trabalho duro (dia sabático), liberdade para os escravos (ano sabático), anulação de todas as dívidas e restauração da terra perdida (dia do jubileu), apontava para o trabalho de Jesus. “Se alguém estiver cansado”, disse Jesus, “deixem-no vir até a Mim, e dar-lhe-ei descanso”. O Sábado era a marca do trabalho de Jesus desde o começo.

A verdadeira lei

Muitos cristãos ficam confusos pela lei, especialmente, quando ouvem Jesus a dizer que nenhuma palavra da lei desapareceria, “até que tudo se cumpra” (Mateus 5:18). Todas as seitas cristãs foram estabelecidas com a ênfase de manter a lei, assim como vem sintetizada nos 10 Mandamentos, por causa destes versículos. A advertência de Jesus de que a “tua justiça, se não exceder aquela dos Fariseus, certamente não entrarás no reino do céu” muito tem feito para que os cristãos sejam mais fortes que os fariseus em questões de lei, efectivamente, voltando ao judaísmo. Isto nos faria voltarmos para trás para perguntar o que Jesus realmente queria dizer naquela passagem.

“Não pensem que eu tenha vindo para abolir a Lei ou os Profetas, não vim para os abolir, mas para os cumprir.” (Mateus 5:17). Este é o versículo mais importante. Levemos, primeiro, os Profetas, como isso nos ajuda a compreender o sentido de “Jesus”. O Antigo Testamento está cheio de palavras dos profetas que têm o seu cumprimento em Jesus. Muitas dessas profecias só podem ser melhor interpretadas, uma vez que vimos o cumprimento na vida de Jesus. Até então, perguntar-nos-íamos o que essas palavras, na verdade, significavam, ou se realmente elas eram proféticas. É apenas quando vemos que se cumpriu em Jesus que, naturalmente, compreendemos o que elas significavam.

Agora, tomemos o exemplo da Lei; a mesma perspectiva nos ajudará. A Lei dá diversas ordens morais e culturais, mas, apenas quando as vemos em Jesus, percebemos o que elas significavam. É por isto que Jesus consegue redefinir a sua percepção da Lei. “Tu ouviste dizer, mas te digo”. Jesus reformula o nosso entendimento da Lei em volta de Si. Ele materializou o que ela realmente significava. É por isso que o próprio Jesus pôde resumir a Lei tão facilmente como amar a Deus e os outros. Essa foi a Sua maior moral que regia tudo o que Ele ensinava aos Seus discípulos, e tudo o que fazia. Jesus era a verdadeira Lei. O Seu chamado não era abandonar a lei, mas ver para que ela aponta, e vivê-la completamente, por amor, generosidade, prece e trabalho.

Incrivelmente, o impacto da vida de Jesus era uma contradição. Alguns gostavam do que Ele fazia e dizia e aceitavam os Seus ensinamentos. Outros O consideravam ameaçador para as suas velhas crenças e posições de poder.

Questão para discussão: por que Jesus provocou muito ódio dos líderes religiosos?

5.3 - Jesus - Ensinos e advertências

Este é um momento vital para a história de Israel, um ponto de viragem. Todas as promessas com as quais haviam vivido por muito tempo estavam para se cumprir. Algo, que redefiniria o povo que Deus havia escolhido para trazer a Sua bênção ao mundo, estava a acontecer em sua geração, mas o povo, em particular, as autoridades, recusavam-se a aceitar Jesus ou a Sua mensagem.

Jesus lhes ensinou em parábolas

Frequentemente, imaginamos que Jesus usava parábolas ou histórias para demonstrar o sentido do que Ele estava a ensinar ou ajudar as multidões a lembrar as Suas palavras. A verdade é justamente o oposto. Uma vez, os Seus discípulos perguntaram-Lhe por que Ele falava em parábolas, em que citava a missão de Isaías. “Vós ouvireis, mas nunca entenderéis” (Mateus 13:14). O ensinamento de Jesus era explosivo e revolucionário. Facilmente, ele criava problemas aonde quer que fosse, falando o que fazia a respeito dum novo reino e dum novo rei, vindos ao Seu povo. Ele falava em parábolas para encobrir o que Ele dizia, para que, no Seu ensinamento público, apenas aqueles que tivessem ouvidos para ouvir realmente pudessem compreendê-Lo, ou seja, caso contrário, Ele teria sido preso mais cedo ainda.

Esta é uma das bases para compreender o ensinamento de Jesus; foi principalmente destinado às pessoas com quem Ele falava, em seu contexto. Uma vez que entender o que significava para elas, pode começar a pensar na aplicação na sua própria vida ou na daqueles a quem está a ensinar.

A título de exemplo, levemos a história do filho pródigo, em Lucas 15. Muitos de nós ficamos inspirados pelo acolhimento surpreendente do pai, ao seu filho rebelde, mais novo. Alguns consideraram o papel do irmão mais velho na história. O que podemos perder é o contexto imediato a que Jesus se referia. Ele atraía uma enorme multidão (Lucas 14:25), e desafiava-lhe o custo de O seguir (Lucas 14:26-33), mas também o perigo de O ignorar ou O rejeitar (Lucas 14:24-25). Com uma mistura de “pecadores:” ouvindo atentamente, e os fariseus criticando-O, Ele conta três histórias sobre algo que se havia perdido, mas achado novamente, aos donos da alegria. Indubitavelmente, isso se destinava àqueles que estavam perdidos em Israel, que se haviam afastado dos planos do Pai ou que os haviam rejeitado como uma nação. Para Jesus, está claro que os seus donos procuram encontrá-las, a um custo pessoal maior. A Sua última história contém uma reviravolta, em que o filho mais velho, que havia ficado com o seu pai, está zangado com a volta do irmão mais novo e recusa-se a fazer parte da festa. Este é o grande desafio dos fariseus que recusavam a envolver-se com os “pecadores” que Jesus estava a congregar. Eles também estão “perdidos” e fora da festa, mas o Pai estava a convidá-los a juntar-se. Jesus deixa a história suspensa, sem conclusão. Assim que entendemos o contexto imediato da história, podemos ver o que Jesus ensina e a razão. Agora podemos começar a examinar o que isto significa para nós e para o povo que Deus está a atrair, e o perigo de menosprezar os outros.



Jesus advertiu os israelitas

Agora que entendemos a importância de olhar para o contexto imediato, podemos reflectir sobre algumas advertências de Jesus aos judeus. Estas são passagens tais como Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Estas passagens frequentemente têm títulos como “Sinais do Fim dos Tempos”, que, automaticamente, nos fazem pensarmos que Jesus está a falar do fim do mundo. No entanto, olhemos novamente ao contexto imediato.

Os discípulos apontam para Jesus o magnífico templo, o seu orgulho e a sua alegria no primeiro século de Israel (Lucas 25:5). Jesus afirma que estas pedras serão demolidas, e a sua resposta é perguntarem quando isto acontecerá (Lucas 21:6-7). Isto leva Jesus a explicar o que vai acontecer com o mundo que os rodeia, com os próprios discípulos e com Jerusalém, em particular. Ele usa linguagem figurada em alguns destes relatos (os autores do evangelho usam as imagens de Isaías da queda da Babilónia, em que “o sol será escurecido ... as estrelas cairão do céu ...”). Ele ainda associa esta época com a da vinda do filho do homem. Este é Jesus a usar a passagem em Daniel 7, da Sua ascensão ao Pai, levando o domínio do Seu reino. Jesus é ávido por os discípulos entenderem o tempo, dizendo que tudo isto aconteceria nesta mesma geração (Mateus 24:34, Marcos 13:30, Lucas 21:32); portanto, vigiem. O Seu ponto fulcral é de que quando virem todas essas coisas a acontecerem, e um exército a unir-se contra Jerusalém, não permaneçam, nem lutem, mas fujam pelas suas vidas. Dentro dos 40 anos das palavras de Jesus, o exército romano tinha destruído Jerusalém e o templo, e matou milhares de judeus que se haviam revoltado contra o seu domínio. Os cristãos tomaram cuidado e fugiram, pela sua segurança, para Pella.

Consequentemente, Jesus percorre Jerusalém em lágrimas, enquanto lamenta a sua rejeição a Deus, voltando-se a si mesma (Lucas 19:41-44).

Questão para discussão: que impacto a parábola de Jesus em Lucas 14:15-24 teria tido?

5.4 - Jesus - A crucificação

Assim, este é o momento que Jesus tinha em mente desde o começo. É o cumprimento da história de que Ele reencenava. Seus papéis como Servo, Messias e Deus todos aparecem em simultâneo na cena de Se entregar. Embora os judeus tivessem esperado tudo isto, nunca sonharam que eles apareceriam na mesma pessoa.

O Servo

Isaías viu Israel como servo de Deus, trazendo a sua luz às nações. Todavia, finalmente, ele parece ver este servo como uma pessoa, aquela que sofre injustamente e carregou todo o mal do mundo. À semelhança do Dia de Reconciliação, o cordeiro cobriria o pecado, retirando-o das pessoas; assim, o servo cobriria o pecado, o sofrimento, a enfermidade e a dor das pessoas. Mesmo com todos os anos de sofrimento, Israel ainda não era capaz de cobrir o pecado. Ele precisou dum servo que o cobriria em seu lugar. Isaías profetizou que, finalmente, o servo veria o resultado do seu sofrimento e ficar satisfeito. O fim do pecado, da humilhação, da enfermidade, da dor e do sofrimento.

O Messias

Jesus escolheu a Páscoa para falar sobre o que a Sua morte significaria. A salvação que Ele trazia significaria uma grande libertação para o Seu povo, como Ele assumiu e venceu os grandes tiranos que mantinham o mundo preso. “Agora, o príncipe deste mundo será afastado (João 12:31). Evidentemente, Ele identificou-se como o cordeiro, cujo sangue foi derramado, para que o juízo, devido ao mundo em rebelião, excluiria os que haviam confiado em Si. Ele reformulou os séculos das antigas tradições aproximadamente à Ceia Pascal, pelo contrário, Ele colocou o Seu corpo e sangue como centro da ceia. Seus discípulos usariam esta ceia para se lembrar uns aos outros da maneira como Jesus tinha destruído o poder do pecado, da morte e do mal, e da nova aliança que Deus havia feito com o Seu povo, para perdoar os seus pecados e inscrever as Suas leis em seus corações (Jeremias 31:32-34).

A coroação

Jesus viu este momento como exaltação. “A hora para o filho do homem ser glorificado havia chegado” (João 12:23). “Todavia, quando Eu for levado para cima, atrairei todos os homens para mim mesmo” (João 12:32). A palavra que Jesus usou para “levar para cima” é o termo usado para entronização real. É desta maneira que Jesus olhava para a Sua crucificação, o processo pelo qual, na verdade, Lhe seria dado qualquer nome acima. Os autores do evangelho fazem muito disso. Eles dão uma enorme proporção da sua atenção à construção e a própria crucificação. Eles resumem a maneira como os romanos fizeram a paródia de Jesus como rei, vestindo-O de púrpura e sendo levado pelas ruas em triunfo. A ironia não se perdeu neles, como eles vêem algo que nenhum líder terreno da época viu, pois, esta era certamente a coroação de Jesus para a glória. O próprio Jesus sabia disso, Ele submeteu-se a isso, embora a maneira como Ele morreu tenha sido humanamente terrível. Este era Jesus vindo para dominar. Este era Jesus a demonstrar com que o Seu domínio se parecia. Jesus até convidou os Seus discípulos para que assim procedessem, e carregassem as suas cruzes, seguindo o Seu exemplo, e, por conseguinte, dominassem num modo similar. Os anos vindouros na vida da igreja viram muito sofrimento e muita perda, mas, em paralelo a isso, muita coragem, muito carácter e muito avanço no reino de Deus, assim que os discípulos imitavam Jesus, depositando as suas vidas, entendendo o paradoxo que, pelo seu sofrimento, uma glória maravilhosa havia sido alcançada.

Tarefa: por que Jesus teve de morrer?

6.1 – A nova criação – A ressurreição de Jesus

Finalmente, chegámos ao nosso último capítulo. As expectativas em torno dum Messias judeu tinham um cumprimento surpreendente na vida de Jesus. Outra expectativa dentre os judeus era de que no fim dos tempos, Deus agiria para colocar o mundo para o bem. A este momento, todos os justos ressuscitariam, e Deus estabelecerá uma nova criação, com um novo céu e uma nova terra.

A ressurreição de Jesus

O próprio Jesus foi claro em relação ao que iria acontecer. As escrituras estavam cheias de desconhecimento de sofrimento e exaltação. Os próprios discípulos teriam esperado por uma ressurreição geral, no juízo final. Todavia, para o seu espanto, Jesus foi ressuscitado no meio da história. A nova criação havia começado justamente no meio da antiga.

O corpo da ressurreição

Temos o privilégio de vislumbrar aquilo com que a nova criação se parecerá quando reflectimos sobre o corpo de Jesus ressuscitado. Aqui vemos o vislumbre do fim da história. Finalmente, os reinos físico e espiritual totalmente juntos. Não há dúvida de que o corpo de Jesus era físico. Os Seus discípulos tocaram-No, eles comeram com Ele, viram as cicatrizes da crucificação. Todavia, Ele era também espiritual. Parecia aparecer e desaparecer, segundo a Sua vontade, visitando os Seus discípulos numa sala trancada, desaparecendo a uma vista total de alguns discípulos. Às vezes, parecia esconder-Se para que não fosse reconhecido, e depois, permitir que os outros vissem que era Ele. No corpo de Jesus, vemos a antecipação daquilo com que os nossos corpos se parecerão (1 João 3:2), e, de facto, o que toda a criação será (Romanos 8:21). Não temos nenhum futuro num estado desencarnado, mas num corpo físico, num mundo físico. Os nossos corpos assemelhar-se-ão aos que temos neste momento. Seremos reconhecíveis; podemos muito bem levar algumas cicatrizes da vida que tivemos. No entanto, essas cicatrizes serão transformadas e, finalmente, serão gloriosas, uma outra razão para louvar. Na verdade, tudo será transformado. Cada parte que tiver sido destruída pelo pecado ou pela rebelião terá sido corrigida, redimida e transformada para o seu propósito original.

A ascensão de Jesus

Lucas regista que depois das Suas últimas palavras aos discípulos, uma nuvem veio e escondeu-O das suas vistas. Aparentemente, foi o momento em Daniel 7, em que o filho do homem foi levado nas nuvens para O aproximar do trono dos dias antigos. É este o momento em que Jesus leva o Seu domínio paralelamente ao trono de Deus, o Pai, com todas as nações prestando-Lhe adoração e lealdade.

Neste preciso momento e contínuo

Este é um conceito importante para entender no Novo Testamento, que tenta fazer sentido do facto de que Jesus havia sido exaltado até ao lugar mais alto do universo, e dado o domínio final a Si, embora, nessa época, houvesse poucos judeus que acreditavam nisso e agiam como se um novo reino tivesse sido estabelecido. Para qualquer outra pessoa no planeta terra, o mundo continuou como se nada tivesse acontecido. Paulo avança uma maneira de explicar isso em 1 Coríntios 12-25 “Porque Ele deve reinar até Ele vencer todos os Seus inimigos”.

A verdade é que Jesus reina agora, mesmo assim, muitas pessoas e influências não O reconhecem, nem se submetem ao Seu domínio. Todavia, mesmo no meio da rebelião contra Si, Ele é capaz de “colocar todas as coisas a funcionarem em conjunto pela bondade daqueles que O amam” (Romanos 8:28). O Seu domínio está sempre a aumentar, uma vez que mais pessoas alegremente se submetem a Si. Como Seu povo, nós temos o privilégio de orar e agir para trazer um aumento ao Seu domínio pela terra, até que Ele volte e transforme tudo, e “toda a tristeza se tornará inverídica” (JJR Tolkien).

Questão para discussão: de que maneira a ressurreição e ascensão de Jesus respondem à história bíblica?

6.2 - A nova criação - O envio do Espírito

Israel fracassou no seu chamado para ser o representante de Deus porque era a parte do problema tanto quanto da solução. Ele tinha a lei, a aliança, o templo, os profetas, mas, mesmo com todo o seu zelo, havia algo faltando para que verdadeiramente ele trouxesse a bênção de Deus ao mundo.

A crucificação de Jesus significava que a perversidade estava finalmente perdoada, o exílio havia acabado, e o pecado, a morte e o mal já não tinham mais poder.

A ressurreição de Jesus era a justificação de Deus de que tudo o que Ele tinha dito era verdade, que verdadeiramente havia triunfado sobre a morte, e que a nova criação tinha começado.

A ascensão de Jesus significou que Ele havia levado o Seu domínio para cima. A Sua primeira acção é enviar o Seu Espírito Santo a todos os Seus discípulos. Este estudo analisa a razão de ser um momento importante na história.

A bênção de Abraão

Lembre-se do plano de resgate de Deus que Ele anunciou a Abraão, quando prometeu que por si, toda a nação na terra seria abençoada. Paulo anuncia à Igreja de Gálatas, que estava a ser guiada a abandonar o evangelho a favor, novamente, da lei mosaica, que a sua promessa foi cumprida pelo dom do Espírito Santo. Esta é uma afirmação poderosa. "Ele perdoou-nos, para que a bênção dada a Abraão pudesse vir aos gentios, por Cristo Jesus, para que, pela fé, pudéssemos receber a promessa do Espírito" (Gálatas 3:14).

O vinhedo frutífero

O Espírito é a chave para tudo no cumprimento dos propósitos de Deus. A história completa mostra que mesmo o melhor da raça humana não pode cumprir aquilo a que Deus a destinou. Israel era o vinhedo que só dava má fruta (Isaías 5); Jesus procurou a fruta, mas não apanhou nada (Mateus 21:43). A lei não era a resposta - "A lei era fraca porque era enfraquecida pela carne" (Romanos 8:3). A carne era sempre muito poderosa para nós, independentemente do quanto tentássemos, independentemente das nossas boas intenções (Romanos 7:18-19). Todavia, o Espírito traz-nos nova força, para que possamos viver diferentemente e produzir a fruta que Deus procura (Gálatas 5:22-23).

A volta de Deus ao templo

Vimos que havia expectativa da volta de Deus ao templo que Ele deixou depois do exílio da Babilónia. Os autores do evangelho mostram que o próprio Jesus é esse novo templo, e esta é a maneira como Deus voltava. Ademais, os apóstolos chegaram a descobrir que o templo, de momento, era constituído pelos discípulos de Jesus, aqueles que estavam cheios do Espírito Santo, e, como comunidade, a presença de Deus poderia ser vivenciada na terra (Efésios 2:21-22).

A função de dominar sobre a criação

A Adão e Eva havia sido dado o papel de cuidar da criação e testemunhar com que Deus se parecia. Na sua rebelião, eles haviam perdido algo daquele papel, e, apenas em Jesus, o domínio havia sido restaurado. O ensinamento de Jesus aos Seus discípulos, depois da Sua ressurreição, fez com que eles perguntassem se a restauração final desse domínio aconteceria de imediato (Actos 1:6), tendo Jesus respondido que era suposto que eles conhecessem as temporizações, mas que, brevemente, o Espírito os encheria de força e, novamente, seriam Suas testemunhas, mostrando ao mundo a aparência de Deus (Actos 1:8).

O reino de Deus

Actos 2:42-47 faz uma descrição daquilo com que a comunidade clerical em Jerusalém se parecia. Aqui vemos muito sobre aquilo para que a lei e os profetas apontavam, o que eles viram em Israel respeitado, mas nunca vivenciaram. Esta é a comunidade do povo de Deus, vivendo com a força do Espírito Santo. O que antes fora impossível já era possível. O domínio de Deus era visto como a generosidade transbordado aos necessitados; a verdadeira comunidade foi vivenciada, os milagres estavam a operar-se e muitas pessoas estavam a ser "salvas".

A missão de Jesus é prolongada

Está claro do livro de Actos que os trabalhos que Jesus havia começado a fazer (Actos 1:1) já estavam a ser feitos pelos Seus discípulos. Jesus lhes havia dito "Assim que o Pai me enviou, envio-os" (João 20:21), enquanto Ele soprava sobre eles, implicando o poder do Espírito que devia vir. Portanto, vemos a boa nova no seu cumprimento. Aquilo que Deus havia prometido a Abraão, que Ele havia revelado por meio de Jesus, Ele já estava a enviar para povoar a terra, por meio dos Seus discípulos, cheios do Espírito Santo, trazendo o Seu amor, a Sua mensagem de reconciliação e o Seu poder de libertar as pessoas do cativo.

Questão para discussão: leia Actos 19 - Por que Paulo estava tão ávido por descobrir a sua experiência do Espírito Santo?

6.3 - A nova criação - A mensagem da boa nova

Jesus deu aos Seus discípulos a função que, novamente, reflecte a função dada a Adão e Eva, a Noé, a Abraão, a David e a numerosos profetas. Ele disse-lhes que fossem pelo mundo todo, para fazer discípulos de cada povo, baptizando e ensinando-lhes a obedecer a tudo o que havia ensinado por Ele. A mensagem da nova criação era povoar a terra.

A boa nova em acção

O livro de Actos mostra aos apóstolos primitivos com que isso se pareceu, enquanto eles seguiam pelo mundo, pregando a mensagem que lhes havia sido dada, e

estabelecendo comunidades centradas em Jesus e cheias do Espírito Santo. Estas comunidades desenvolveram práticas em torno dos ensinamentos de Jesus. Actos 2:42 mostra-nos a que elas estavam dedicadas:

- **Ao ensinamento apostólico** - sem dúvida, baseava-se nas escrituras judaicas, mas tiveram um entendimento e uma relevância inovadores a partir do cumprimento do que viram em Jesus.
- **Comunhão** - nenhuma comunidade tinha, antes, surgido, que tão obviamente se preocupava um com outro, mesmo tendo diferentes origens, cultural e socialmente.
- **Partindo o pão** - frequentemente, eles comiam juntos e celebravam a vitória de Jesus, lembrando-se de como isso influenciou cada área das suas vidas.
- **Preces** - cantavam e oravam por Salmos, mas já com um novo sentido de admiração ao Deus que eles adoravam.

A boa nova é anunciada

É neste contexto que os apóstolos tiveram a responsabilidade de difundir o “euangelion”, a boa nova. Esta é a palavra que os romanos usavam na época para anunciar a entronização de Augusto como César e líder do império. Eles enviavam arautos para anunciar que Augusto, “o filho de Deus”, se tinha tornado “o rei do mundo”. Sem dúvidas, a mensagem dos apóstolos causou tanta agitação. Uma breve visão geral dos pregadores registada no livro de Actos mostra linhas semelhantes aos seus discursos, apesar dos participantes e contextos.

- Jesus é o cumprimento das promessas feitas nas escrituras
- A vida de Jesus estava cheia de boas obras e curas
- Jesus foi crucificado, de acordo com os propósitos de Deus
- Jesus foi ressuscitado e exaltado como o verdadeiro rei
- Jesus mandou o Seu Espírito Santo
- Jesus voltará como juiz para trazer a restauração ao mundo
- Portanto, arrependa-se, acredite e seja baptizado; concilie-se com o verdadeiro rei
- Receba o perdão e a promessa do Espírito

Suffering and ruling

Junto do chamado para anunciar o novo rei verdadeiro, de viver, neste momento, num reino diferente, no meio do antigo reino do homem, houve a percepção da realidade da oposição e do sofrimento. Jesus os havia preparado, ensinando-lhes sobre o que lhes poderia acontecer, e sobre o que devia ser a sua resposta. Eles deviam amar os seus inimigos, perdoar àqueles que cometessem pecado contra eles, fazer o bem para todos. Os apóstolos entenderam que uma parte do seu chamado era enfrentarem a rejeição, dificuldades e perseguição. Para eles, isto era compartilharem o sofrimento em Jesus. De facto, isto era parte da chegada do domínio que Jesus lhes havia prometido. João expressa isso bem na introdução a Apocalipse. “Eu, João, seu irmão e companheiro no sofrimento e reino e na tolerância, que são nossos em Jesus” (Apocalipse 1:9).



Vigorar no domínio e reino significaria carregar a perversidade do mundo, do mesmo modo que Jesus o tinha feito, sofrendo e recusando-Se a retaliar.

Isto é o que vemos no Apóstolo Paulo, em Actos, quando ele anuncia o novo reino pelo Império Romano, até ele testemunhar a justiça, no centro do império, na própria Roma. As cartas escritas pelos apóstolos a várias igrejas contêm mais encorajamento a reconhecer o que Deus, unindo-os de tantas origens distintas e viver o chamado que haviam recebido dum modo digno.

Finalmente, encontramos, no livro de Apocalipse, numerosas dificuldades que a igreja devia enfrentar em conflito com os poderes espiritual e terreno, bem como alguma esperança de que Deus nos materializaria o reencontro jubiloso do céu e da terra.

Questão para discussão: como é que a mensagem do evangelho moderno se compara com o anúncio dos apóstolos primitivos?

6.4 - A nova criação - A restauração de todas as coisas

Estamos a viver muito no cumprimento da história. A bênção prometida de Deus ao mundo, anunciada por meio de Abraão, finalmente chegou. O verdadeiro rei do reino eterno de Deus foi revelado. Podemos fazer parte desta nova criação por simplesmente crer no rei verdadeiro, Jesus, que Deus O ressuscitou dos mortos, e Lhe deu o nome acima de todos os nomes. Podemos receber o Seu Espírito, como compensação e garantia prévias de tudo o que Deus fará na criação. Ele já nos chamou a todos nós, como comunidades cheias de Espírito, para mostrar o domínio de Deus à toda a criação, e para levar a mensagem do Seu domínio a cada povo na terra. Assim, como é que a história termina?

É aqui que temos muitos enredos diferentes. O arrebatamento, o milénio, a grande tribulação, a semana final de Daniel, o Armagedom. É impossível comentar todas as ideias diferentes que perfazem vários “tempos finais da teologia”, mas há alguns princípios muito importantes a considerar quando decidimos o que a bíblia deve dizer sobre o fim da história.

1) Retenha a grande história

Passamos diversas semanas a ver como o enredo se encaixa e como ele é reforçado por cada parte. Quando algo vem como uma grande mudança à história, isso não se encaixa completamente ao resto da história; tenha cuidado! Principalmente quando vier duma única fonte. A doutrina do arrebatamento seria tal exemplo. Este é o ensinamento segundo o qual, à volta de Jesus, Ele tirará da terra todos os crentes para viverem com Ele no paraíso. De certo modo, esta doutrina excluiu o maior enredo, de que Deus perdoará a Sua criação perfeita, não a abandonar, e que está a usar o Seu povo para este papel, não o excluindo.

Semelhantemente, se alguma doutrina do fim dos tempos, aparentemente, nos “retroceder” à história, ela devia ser vista com suspeitas. Um exemplo disto é a percepção de que o templo judaico será, novamente, restabelecido, no fim dos tempos, de acordo com Ezequiel 40-48. Todavia, se isso ainda estiver por vir, qual é a função dum templo físico? Para que servem os sacrifícios? Certamente, isto não avança a história, mas nos retrocede à parte anterior da história, e devíamos procurar uma interpretação diferente para a visão de Ezequiel.

2) Retenha a ressurreição de Jesus

O entendimento mais claro da realidade final da nova criação é encontrado no corpo ressuscitado de Jesus. Este é o tipo de corpo que teremos e o tipo de mundo em que viveremos. Mesmo as nossas obras serão, de certo modo, evidentes no nosso estado resurrecto.

3) Retenha que nem tudo é literal

Devemos reter que os livros proféticos, tais como Daniel, Zacarias e Apocalipse (os três livros mais comumente usados na previsão dos eventos finais) são todos uma literatura “apocalíptica”. “Apocalíptico” literalmente significa “revelar”, e usa-se para dar uma perspectiva “celestial” a eventos terrenos, em vez de ser assumido literalmente. Um bom exemplo disso é o pronunciamento de Isaías em relação ao juízo sobre a Babilónia (Isaías 13), em que ele fala do sol, da lua e das estrelas a ser escurecidos. Os céus tremeriam e a terra mover-se-ia do seu lugar. O derrube do império babilónico pelo império persa ocorreu em 539 AC. Este foi, na verdade, um evento enorme e terrível para todas as nações, uma mudança na base do poder e todo o tumulto resultante. Todavia, nenhum destes sinais preditos por Isaías aconteceu literalmente e, portanto, devemos ser prudentes quando a linguagem apocalíptica é usada.

4) Retenha que “toda a escritura é ... útil”

Se tivermos a visão de que o livro de Apocalipse é uma profecia cheia de previsões sobre o fim do mundo, o que estamos a dizer é que ele só será útil para uma geração que vivencie todas estas coisas. Para o resto da história, o livro foi/muito inútil. Infelizmente, essa é a maneira como o livro é actualmente tratado por muitos cristãos. Eles pensam “Se estivermos na última geração, então ficará óbvio; caso contrário, simplesmente o ignorarei porque é bastante confuso e aterrador”. Certamente, Deus desejava mais pelo livro do que simplesmente ajudar uma geração? Apocalipse pode ler-se como uma carta revelando como os cristãos primitivos lidariam com a perseguição nas mãos das autoridades romanas e judaicas, e como cada geração de crentes pode permanecer fiel a Jesus em meio a um mundo que se recusou a reconhecer a Sua autoridade, e como os crentes finalmente vencerão? Assim que admitir a maneira como a bíblia funciona, descobrirá muito mais sentido e encorajamento, e evitar os problemas de tentar comprimir eventos mundiais nestes quadros apocalípticos.

O fim da história

Embora mal interpretado, o livro de Apocalipse dá-nos uma visão de onde a nova criação será constituída. Como se esperaria, vemos os ecos da criação original, mas agora trazida ao cumprimento (Apocalipse 21-22).

- Não haverá mais morte nem pranto, nem dor (Apocalipse 21:4); a velha ordem da morte já terá sido totalmente transformada, e tudo o que pertencia a essa ordem terá sido destruído.
- Não haverá mais templo, pois, o Senhor Deus Todo-poderoso e Seu Cordeiro são o Seu templo (Apocalipse 21:22); o céu e a terra terão, finalmente, sido unidos.
- Não haverá sol nem lua porque a Glória de Deus lhe dá luz, e o Cordeiro é a sua lâmpada (Apocalipse 21:23); ao sol e à lua foi-lhes dado domínio sobre os céus para governar o dia e a noite; eles eram os símbolos do verdadeiro rei do céu e agora já não são necessários, uma vez que o próprio Deus é totalmente revelado; não haverá noite, nem a interrupção da presença de Deus.
- Eles reinarão para todo o sempre (Apocalipse 22:25); por último, a função dada a Adão e Eva é finalmente cumprida na humanidade, visto que Eles dominam sobre o mundo em verdadeira comunhão com Deus.

Tarefa: como é que contarias a grande história da bíblia?

7.1 - Recontando a história

Agora já concluímos a história bíblica em alguns detalhes. Esta é a história que precisávamos aprender muito bem que, em algum momento, moldará as nossas vidas e os nossos estudos.

Naturalmente, é possível contar a mesma história de diferentes maneiras, enfatizando as diferentes partes, particularmente para auditório diverso. Esta semana olharemos para a história completa de três maneiras diferentes. Certamente, há várias maneiras de recitar a história bíblica, mas estas três maneiras parecem principais nas mentes dos apóstolos quando escrevem o Novo Testamento.

A história do reino

Capítulo 1: O reino do jardim

A história da criação apresenta-nos Deus como o soberano de toda a Sua criação. Não há dúvida de que Ele está no comando, visto que Ele traz a ordem do caos e gera a vida do pó.

É um momento maravilhoso quando Ele coloca a Sua imagem na humanidade e dá-lhe a Sua autoridade para dominar a Sua criação, e povoar a terra com o seu domínio. A humanidade torna-se representante de Deus na terra, trabalhando em comunhão com Ele. Esta comunhão baseava-se na intimidade e obediência confiante ao Criador, na essência, o que a bíblia chama de adoração. O reino do jardim estava destinado a crescer, até que todo mundo fosse trazido sob o domínio de Deus.

Capítulo 2: Os co-soberanos rebelam-se

Ao invés de trabalhar em conjunto com Deus, numa comunhão humilde, a humanidade prefere ouvir outras vozes, adorar coisas, ao invés de Deus, e sujeita-se a escolher entre o bem e o mal por si mesma, e viver independente de Deus. As consequências a suas vidas e criação de que cuida são desastrosas, como a inveja, o ódio, a violência e a opressão chegou a caracterizar o mundo.

Capítulo 3: O plano de salvação de Deus é lançado

Deus intervém na vida de Abraão, prometendo dar a Sua bênção ao mundo por ele e pela sua descendência. A resposta de Abraão é acreditar na promessa de Deus e demonstrar a mesma obediência confiante necessária para viver em comunhão com Deus. Onde quer que esta obediência confiante é vista nos descendentes de Abraão, a graça e os benefícios do domínio de Deus são revelados. José viveu desta maneira e salvou nações inteiras da fome. Moisés viveu desta maneira e tirou Israel da sua servidão. Josué viveu desta maneira e levou o seu povo israelita à terra prometida por Deus.

O auge da história de Israel vem com o Rei David, o improvável rapaz pastor e poeta, que permaneceu como um soberano humilde e modelo, em comunhão com Deus, vivendo na confiante obediência diária. Deus falou, nesta época, dum herdeiro de Davi que reinaria para sempre, trazendo os benefícios da justiça e paz da soberania de Deus a Israel, bem como ao mundo inteiro.

Todavia, Israel encontra-se a seguir a rebelião dos seus antepassados, ouvindo outras vozes, adorando outros deuses e escolhendo o seu próprio caminho, em vez do de Deus. Isto leva à experiência inútil, violência e opressão dos fracos e, finalmente, ao exílio. É daqui que Deus lhe retirou completamente todo o seu domínio e viveu em terras estrangeiras. Mesmo à volta a sua terra natal, constantemente esteve na opressão dos outros líderes, e nunca foi capaz de expressar a graça e os benefícios de viver em comunhão com Deus e trazer o Seu domínio.

Capítulo 4: O rei chegou

Durante muitos anos, mesmo durante seu exílio e sua opressão, os profetas viram um dia aproximando-se, quando o verdadeiro rei do reino chegaria, trazendo consigo toda a graça e todos os benefícios da soberania de Deus. O povo de Israel estava muito expectante em relação à iminente chegada deste rei. Todavia, quando Jesus chegou, era um rei muito diferente do que ele esperava. O Seu nascimento foi partilhado por animais, forçado a fugir como se fosse um refugiado e criado nas proximidades mais hostis. A Sua mensagem desafiou os ricos e poderosos, mas bem-vinda dentre os pobres e marginalizados. Ele recusou-se a ser rei como o povo esperava, mas, constantemente, anunciava um reino em que os pequenos eram considerados grandes, em que o amor e perdão triunfavam sobre os poderes, em que os tesouros de viver em comunhão com Deus fizeram com que outros valores fossem inúteis e indignos.

O Seu verdadeiro triunfo veio no momento da Sua crucificação, como Ele carregou consigo as consequências da rebelião do mundo, chegando à própria morte e vencendo o grande opressor da humanidade, o diabo. Sua ressurreição foi a reivindicação dos Seus lugares como o verdadeiro Rei e Senhor de todos.

Capítulo 05: O povo do reino

Aqueles que se reconciliaram com Jesus, o verdadeiro rei, entraram no Seu reino, e vivem sob o Seu domínio. Em comunhão com Ele, em confiante obediência, fortalecidos pelo Espírito Santo, eles criam o domínio de Deus pelo mundo. Jesus enviou os Seus discípulos para toda parte na terra, anunciando a mensagem de



que Ele é o verdadeiro rei e mostrando ao resto da criação toda a graça e todos os benefícios que vêm com o Seu reino.

Sabemos que, um dia, Jesus voltará e restaurará o universo, totalmente sob o Seu domínio, destruindo o mal e transformando toda a parte, para que, totalmente, seja um todo ajustado a Seus propósitos.

Questão para discussão: como é que as cartas do Novo Testamento definiram esta visão do reino de Deus?

7.2 - Recontando a história - A história do templo

Capítulo 1: O primeiro templo

A história da criação chega à sua conclusão com um jardim, em que o homem e Deus estão conjuntamente em perfeita harmonia. O céu e a terra são unidos sem separação. Este é o primeiro templo, e Adão e Eva são os primeiros sacerdotes, cuidando do templo e representando Deus ao mundo. O papel da humanidade é trazer este mesmo sentido de ordem ao mundo inteiro, para que a vida floresça e que a presença de Deus seja reconhecida.

Capítulo 2: O banimento

Quando aqueles que estão em comunhão com Deus decidem viver independentes de Deus, a ordem inteira da criação é abalada. Adão e Eva são banidos do jardim e não mais nenhum acesso. O Céu e a terra já estão separados e, aparentemente, não há nenhum caminho para que a humanidade se aproxime de Deus. Na ausência da presença divina, a humanidade começa a assemelhar-se à besta relativamente à maneira como trata um e outro, com opressão e violência caracterizando o seu comportamento.

Capítulo 3: As religiões

A promessa de Deus a Abraão é de que, por meio dele, Ele daria a Sua bênção a todas as nações do mundo. Constatamos, mais tarde, que a Sua bênção está em forma do Espírito Santo, a própria presença de Deus. O filho de Abraão, Jacó, teve um encontro com Deus que o fez perguntar-se se deparou com a entrada para Éden (Genesis 28:17), o “portal do paraíso”.

Moisés encontra-se com Deus num arbusto ardente, e, mais tarde, numa montanha ardente, onde suplica a Deus, para que não abandone o povo, a quem Deus promete que Sua presença iria com ele (Êxodo 33:14). Todavia, a Sua presença estava limitada à “Arca da Aliança” que se mantinha no tabernáculo que os israelitas carregavam em torno do deserto. Muito poucas pessoas eram permitidas a entrar no Santíssimo Lugar, onde a arca era mantida, e, portanto, a presença de Deus não poderia ser sentida pela grande maioria.

7.3 – Recontando a história – A história de aliança

David, mais tarde, deu ordens para se construir o templo judeu, que Salomão, seu filho, concluiu. Todavia, mesmo Salomão reconheceu, no momento, que uma mera construção, mas nobre, nunca seria capaz de conter Deus Todo-poderoso (2 Crônicas 6:18). O templo tornou-se um símbolo da presença de Deus para os israelitas, que eles eram o Seu povo e que Ele viveria com eles. Isto é o que fez com que eles fossem os únicos dentre todas as nações do mundo.

Todavia, o profeta Ezequiel teve uma visão da glória de Deus a deixar o templo, e, logo em seguida, os babilônios destruíram o templo e tiraram os israelitas da sua terra. Parecia, para os israelitas, que a presença de Deus havia saído do mundo. Mesmo depois de reconstruírem o templo, o Santíssimo Lugar permaneceu vazio, e eles esperaram que Deus voltasse para viver dentro o Seu povo, como tinha feito anteriormente.

Os profetas viram e anunciaram que, na verdade, Deus voltaria ao Seu templo e restauraria a nação para a sua antiga glória. Ageu disse que o último templo seria mais glorioso do que o anterior (Ageu 2:9). Ezequiel viu um templo enorme, e um rio que fluía do mesmo, trazendo vida a todas as nações do mundo. Habacuque viu que toda a terra seria enchida com a glória do Senhor. A promessa era de que, um dia, o céu e toda a terra seriam reunidos.

Capítulo 4: O verdadeiro templo

Jesus foi anunciado por João como sendo o verbo vindo à carne e vivendo dentre nós. Jesus foi o verdadeiro templo a que, realmente, tudo apontava. Aqui o homem e Deus estão verdadeiramente unidos. Aqui as pessoas poderiam encontrar-se com Deus, receber de Deus, ter perdão, libertação e salvação. No momento da Sua morte, a cortina que separava o Santíssimo Lugar se rasgou do topo à base, e o que se mantinha escondido já não podia conter-se mais.

Capítulo 5: O templo vivo

A nova criação, primeiramente anunciada em Jesus, começou a manifestar-se em todo lugar. Primeiro, todos os que tinham estado com Jesus se juntaram, e 120 deles receberam a presença de Deus numa nova maneira, assim que estavam cheios do Espírito Santo. O céu estava a invadir a terra. O templo estava a crescer. Em breve, milhares de outros em Jerusalém estavam a vivenciar a presença de Deus em suas vidas, pelo Espírito Santo. Em seguida, os apóstolos levaram a mensagem para além das fronteiras de Israel, aos seus vizinhos gentios, e também ficaram maravilhados por a presença de Deus os encher. O chamado de Jesus de ir e fazer os discípulos de todas as nações significa que o templo de Deus estará sempre a crescer, até ao dia em que Jesus volte e transforme tudo, para que o céu e a terra estejam totalmente unidos, novamente, desta vez, para sempre.

Questão para discussão: como é que as cartas do Novo Testamento são moldadas pela história do templo?

Capítulo 1: A primeira comunhão

Quando Deus criou o Seu mundo perfeito, Ele colocou o homem no comando de tudo. Isto claramente se baseava numa aliança de comunhão que Deus havia feito com Adão e Eva, mostrando-lhes como deviam cuidar da criação, e dando-lhes ordens daquilo que podiam e não podiam fazer. Com esta comunhão, o jardim floresceu, e ao homem foram dadas ordens para ir e povoar a terra.

Capítulo 2: A comunhão quebrada

Quando eles comeram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, eles declararam independência de Deus e quebraram a comunhão que Deus havia feito com eles. Com a humanidade a viver independente de Deus, preferindo determinar o bem do mal, por si, o mundo que lhes havia sido dado para cuidar também estava corrompido, e passou a ser caracterizado por violência, medo e opressão.

Capítulo 3: A promessa de Deus de curar o mundo

O caminho de Deus para curar o mundo é fazer uma aliança, primeiro, com Abraão, e depois, com os seus descendentes. Uma aliança é um acordo vinculativo entre duas partes, que não pode ser quebrado. A parte de Deus no acordo era abençoar Abraão, dar-lhe descendentes, uma terra e abençoar o mundo inteiro por si. A parte de Abraão, no acordo, era simplesmente crer em Deus. Tudo o que Abraão fez para agradar a Deus vinha subsequentemente desta fé.

Quando Moisés tirou o povo de Israel, do Egito, eles encontraram-se com Deus no Monte Horebe, e, novamente, Deus fez uma aliança, desta vez, com uma nação inteira. Isto é visto como um casamento, com ambas as partes prometendo ser fiéis uma com a outra. Para os israelitas, isto implicava seguirem um grande número de leis dadas para se preservar como uma nação. Todavia, mais tarde, Jesus as resume todas elas como sendo simplesmente “Ame a Deus com todo o seu coração, e ame o seu próximo como a si próprio”. Israel foi chamado para ser a luz das nações, mostrando ao mundo como viver em comunhão com Deus.

No entanto, constantemente, quebravam a aliança que Deus havia feito com eles, motivando os profetas a usar palavras como prostituta, adúltera e divórcio. Isto terminou com o exílio à Babilónia, um sinal físico de que a aliança que tinham feito com Deus havia quebrado.

Ainda assim, os profetas viram que um novo vínculo estava a caminho. No meio do exílio, Jeremias fala de Deus, a fazer uma nova aliança com o Seu povo, em que a lei seria inscrita nos corações do povo. Ezequiel fala duma época em que Deus remove os corações de pedra e dá corações de carne, movidas a obedecer a Deus com um novo Espírito.

Capítulo 4: A aliança revelada

Quando Jesus se sentou para comer a refeição da Páscoa com os Seus discípulos, uma noite antes da Sua morte, Ele anunciou-lhes uma nova aliança que Deus estava a fazer. Eles não deviam celebrar mais o que Deus tinha feito quando libertou Israel da servidão no Egito, mas eles deviam lembrar a Sua morte e sua libertação do mal que tinha dominado sobre eles.

Capítulo 5: A nova aliança é a mesma aliança

Os apóstolos, guiados pelo Espírito, começaram a entender que, porque é impossível para Deus fazer uma promessa e depois mentir, todas as alianças feitas por Deus são realmente uma e a mesma; ou seja, para ser mais preciso, a nova aliança em Jesus é o cumprimento de todas as outras alianças que Deus fez. O Seu povo havia sido agraciado pelo Espírito Santo, e, portanto, está em perfeita comunhão com Deus, enquanto vivem o seu chamado para trazer o Seu domínio à toda a criação.

A Sua promessa a Abraão de muitos descendentes, uma terra e uma bênção a qualquer nação foi cumprida, uma vez que muitos milhões dos discípulos de Jesus são enviados ao mundo, trazendo a bênção do Espírito Santo a todas as nações.

A Sua aliança com Moisés e o povo de Israel são “sombras” e caminhos, revelando mais o carácter de Deus e Seus caminhos, finalmente vistos em Jesus.

Cada discípulo de Jesus tem uma vida longa, inabalável e um contrato vinculativo feito com Deus. A Sua parte no contrato é que Ele será o nosso Deus e nunca nos abandonará. Estaremos com Ele ao longo desta vida, da morte e, continuamente, na ressurreição e nos novos céus e nova terra. A nossa parte do contrato é que simplesmente creiamos.

Questão para discussão: como é que as cartas do Novo Testamento são moldadas pela história de aliança?

7.4 - Recontando a história - Efésio durante a história bíblica

Durante as 03 sessões anteriores, estudámos 03 maneiras de recontar a história bíblica. Há outros enfoques que poderíamos ter usado, mas reflectimos sobre os mais comuns. Hoje damos atenção à importância de reter a história bíblica quando lemos passagens na Bíblia, em particular, no Novo Testamento.

O termo exegese é usado por pregadores teólogos. Simplesmente faz a pergunta: Que sentido o autor original pretendia com a seguinte passagem?

Respondendo a esta questão, ajudar-nos-á, então, a entender como devíamos aplicar a passagem a nós mesmos e àqueles a quem ensinamos.

Para responder a esta questão, precisamos entender o seguinte:

- **Contexto** - quais são as culturas da época e o contexto particular do povo a ser abordado?
- **Ocasão** - o que motivou o autor a enviar a sua carta?
- **História** - de que histórias bíblicas o autor está ciente quando ele usa várias palavras e expressões?

As respostas às duas primeiras perguntas estão frequentemente disponíveis a um bom estudo bíblico que inclui páginas introdutórias a cada um dos livros. Também poderá ter informação como esta prontamente disponível virtualmente. Todavia, a terceira questão, a respeito da história é aquela que passamos semanas tentando entender agora.

Olhemos para Efésios, Capítulo 01, para ver como Paulo usa expressões que mostram que cada um dos enredos que lemos está também em sua mente. Isto dar-nos-á chaves adicionais para entendermos tudo o que ele queria quando escreveu a carta.

Efésios 1:3

Bênção (História da aliança) - Entendemos que Paulo vê o cumprimento da promessa de Deus em Abraão, estando no trabalho das vidas dos crentes efésios. Esta bênção é, por isso, não apenas por eles, mas para que eles a tragam ao mundo.

Reinos celestiais (História do templo) - O céu já é acessível àqueles em Cristo.

Efésios 1:4

Escolhido/predestinado (História da aliança) - Deus escolheu um povo pelo qual trará a Sua bênção ao mundo inteiro. A história de escolha tem mais a ver com ser dado um trabalho para fazer do que estar a favor ou não estar a favor de Deus.

Santo e imaculado (História do templo) - O céu e a terra só podem cruzar-se onde a terra foi santificada, como o céu. Temos, portanto, o sistema de purificação em mente que foi feito para nós em Jesus.

Efésios 1:5

Aprovado (História da aliança) - Deus fez uma promessa vinculativa para trazer indivíduos à Sua família.

Efésios 1:7

Redenção (História do reino) - O povo era escravo no reino das trevas, mas foi perdoado, ou seja, salvo e liberto.

Efésios 1:9

Mistério da Sua vontade (História do templo) - GA vontade de Deus revelou-se; Ele trará tudo no céu e na terra simultaneamente, sob domínio de Jesus.

Efésios 1:13

Espírito Santo (História do templo) - O céu uniu-se à terra, com a concessão do Espírito Santo, que é um depósito, garantindo ao crente a fartura da nossa herança.

Eféios 1:17-18

Olhos do seu coração iluminados (História da aliança) - O cumprimento da promessa de Deus de conceder ao povo um coração de carne e de que todo o Seu povo O reconheceria.

Eféios 1:19

Poder majestoso sem comparação (História do reino) - Jesus foi exaltado acima de qualquer outro poder, e foi-nos dado um lugar de domínio ao Seu lado, enchendo a terra conforme o Seu corpo.

Eféios 1 Sumário - Vemos o tema do templo dominando o pensamento de Paulo, uma vez que estabelece um grande pensamento de que Deus está a unir o céu à terra, sob o domínio de Cristo (Crónicas 1:10). Isto é agora vivido pela igreja, pelo poder do Espírito em nós (Crónicas 1:14), conforme Ele dominou ao Seu lado (Crónicas 1:23). Ele continuará a reconhecer como Deus constrói a Sua igreja dentro dum templo, em que Ele vive pelo Seu Espírito (Crónicas 2:21-22), e como essa união entre o céu e a terra já está provada em nós pela união de diferentes grupos culturais (Crónicas 3:6), que precisamos proteger (Crónicas 4:4). O nosso objectivo é crescermos e manifestar Cristo totalmente ((Crónicas 4:15-16), sendo agraciados pelo Espírito, ao invés de viver como o resto do mundo (Crónicas 5:18).

Tarefa: retire outra passagem duma epístola e faça um trabalho semelhante.

8.1 - Desenvolvendo a teologia

Introdução

Às vezes, as pessoas perguntar-lhe-ão “O que a bíblia diz de ...”, ou quer ensinar sobre um certo tema. Mais do que tirar um versículo aqui e acolá, achamos melhor ver como um tema desenvolve com a história da bíblia..

Princípios gerais

Princípio da criação - O que vê na criação relativamente ao seu tema?
O que isso lhe diz do coração de Deus?

Princípio da queda - Que impacto a queda tem no seu tema?

Princípio de Israel - Como é que o tema se desenvolve na história de Israel?
O que isto lhe diz do coração de Deus da natureza da queda?

Princípio de Jesus - Como é que Jesus provê o cumprimento da história?
O que é que ele ensina sobre este assunto?

Nova criação - Como é que a igreja do Novo Testamento trata desta situação?
Com que o tema se parece no cumprimento da nova criação?



Usemos estes princípios para solucionar o que a bíblia diz do Sábado.

Criação: na história da criação, vemos que Deus descansou no sétimo dia (ou Sábado em nosso entendimento moderno). Deus parou para ver o que Ele tinha feito. Vemos que o Sábado era benéfico para toda a criação. Constatamos que todos os outros dias referidos como “noite” e “manhã”, mas ao Sábado não se dá nenhum fim, como se estivesse a mostrar que o sétimo dia fosse ideal, um dia para se compreender.

Queda: A busca do homem pela independência de Deus traz a morte ao mundo, e a humanidade é banida da presença de Deus. A terra é amaldiçoada, bem como tudo aquilo que Adão e Eva haviam conhecido em Éden é perdido.

Israel: O Sábado é instituído como parte da aliança feita com Moisés e Israel, ambos como uma maneira de ser como Deus, bem como para celebrar a liberdade que lhes havia sido concedida por ser libertados do seu cativeiro no Egito. Esta prática regular era uma recordação daquilo que Deus havia feito por eles, e uma manifestação semanal de que a sua confiança última estava em Deus como o seu provedor.

A ordem mosaica continha também ordens para um Sábado pelo deserto a cada 7 anos, implicando a necessidade de toda a criação saber do resto que Deus provê, e, novamente, lembrando os israelitas de que o próprio Deus era o seu provedor.

Em conexão com o Sábado da semana e o Sábado do ano, havia o Sábado do Jubileu, o Sábado dos Sábados. Durante este último Sábado do ano, os escravos seriam libertos, as dívidas canceladas e toda a terra devolvida aos proprietários originais.

Jesus: A atitude de Jesus ao Sábado era completamente confusa para os líderes religiosos. Ele parecia comprometer o entendimento comum do Sábado, defendendo os Seus discípulos quando comessem cereais dos campos, mesmo marcando um momento de cura e libertação ao Sábado, e usando estes encontros poderosos para ensinar os fariseus que a verdadeira essência do Sábado era mais do que aquilo que eles eram permitidos fazer. A Sua essência parece reflectir o tema do Jubileu da liberdade, tanto em termos de corpos sendo curados, como pessoas sendo verdadeiramente restauradas a Deus. Ele viu-Se como o último Sábado, concedendo descanso aos exaustos e salvação àqueles que sabiam que precisavam.

Nova criação: Relativamente àquilo com que a igreja do Novo Testamento estava preocupada, o Sábado que eles haviam praticado durante muito tempo agora vem na pessoa de Jesus. Eles já haviam apanhado descanso, em Deus, e a verdadeira liberdade. Como crentes, eles encontrar-se-iam no “Dia do Senhor” (o Domingo), para partilhar o pão juntos, lembrando a morte e ressurreição de Jesus. Alguns ainda praticaram o Sábado como antes, mas outros viram cada dia como especial. As comunidades clericais baseavam-se nos princípios sabáticos de justiça, liberdade, perdão, generosidade, e de receber o privilégio de Deus. Os seus desejos estavam na vinda de Jesus para restaurar o mundo ao seu descanso da nova criação, em que toda terra é suprida pela Sua presença.

Pergunta para discussão: Como ensinaria o Sábado no seu contexto?

8.2 - Desenvolvendo a sua teologia

Hoje repetiremos a tarefa de estudar o desenvolvimento dum tema, em vez de olhar para ele como uma verdade estática.

Dinheiro e provisão

Criação: A partir da história da criação, vemos que, em última instância, todos os recursos vêm de Deus. Ele provê a semente, a chuva, o sol e o solo nutritivo. Também provê a força e a habilidade do agricultor.

Todavia, vemos que a provisão vem quando o homem e Deus trabalham juntos em comunhão, com o homem a responder ao chamado de Deus de sair e trazer a ordem ao mundo com fé e obediência. Isto cria a provisão de Deus e o sentido de alegria e cumprimento para aqueles que trabalham em comunhão com Deus.

Queda: Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, uma das consequências, foi que o trabalho se tornou duro. Os nossos melhores esforços não produzem sempre os resultados de que esperamos. Todavia, isto implicou que a humanidade dependesse mais de Deus.

Israel: A bênção que Israel concebeu era, principalmente, material ou física, vista em termos de dinheiro, rebanho, terra e família.

A Lei Mosaica dá instruções sobre conceder, e, em particular, sobre o dízimo, a prática de oferecer 10% dos seus rendimentos. Isto tinha diversos benefícios, incluindo:

- Prover as necessidades dos sacerdotes
- Doar aos pobres
- Poupar para festas e celebrações

O dízimo tinha, também, o efeito de ensinar a generosidade às pessoas e ajudá-las a reconhecer a sua dependência de Deus como seu provedor último.

Em última instância, a lei ensina que aqueles que cumprem a aliança terão boas colheitas, uma família saudável e protecção do perigo.

A literatura da sabedoria também fala muito sobre a provisão, relacionando o trabalho duro, a vida justa e a generosidade a recompensas em vida e prosperidade. Também ensina sobre o lado sombrio da riqueza, e como prender o coração e virar um ídolo. Também introduz o conceito do pobre justo e o rico perverso.

Jesus: Jesus falou muito de dinheiro, mas parecia inverter a sua importância. Ele é claro que Deus é um grande provedor, e, generosamente, cuida da Sua criação, porém, o dinheiro é visto como insignificante ou ainda um obstáculo para, realmente, desfrutar da vida no reino de Deus. A síntese do Seu ensinamento pode ter-se em Lucas 16, em que Ele compara o tesouro mundano a uma propriedade doutra pessoa, de que apenas consegue cuidar, enquanto há verdadeiros tesouros a ter-se no reino de Deus, que não têm nada a ver com dinheiro, e realmente pertencem a si. Onde quer que encontremos

um discípulo rico de Jesus na bíblia, é apenas notável pela sua vontade de doar os seus bens. Certamente, há aqueles que Jesus convida para O seguirem, mas, por causa, dos seus tesouros, rejeitam a Sua oferta.

Nova criação: A Igreja Primitiva naturalmente tinha tido estes tesouros verdadeiros (a vida com Deus, a verdadeira comunidade alegre, mesmo em sofrimento), tanto que era fácil que ela doasse seus bens quando os outros tivessem necessidades. Ela cuidava dos pobres e vulneráveis. Aos líderes clericais era ensinado a serem um exemplo para comunidade trabalhando duro, para que pudessem manter-se e dar generosamente aos outros que não pudessem manter-se. O dízimo não era mencionado, mas a generosidade era sempre encorajada no seio da sua própria comunidade ou quando ouvissem falar de necessidades em igrejas distantes. As únicas pessoas que recebiam remunerações da igreja eram aquelas que levavam a cabo o trabalho apostólico em novos lugares, aquelas que tinham a responsabilidade de pregar em igrejas maiores, e as viúvas que oravam e trabalhavam duro para ajudar as comunidades clericais locais.

Esta é uma boa compreensão de onde, verdadeiramente, estamos com dinheiro e provisão. Deus ainda provê, mas há uma responsabilidade clara, para cada membro da igreja, de trabalhar duro e tornar-se um provedor, para que se torne um meio de Deus para abençoar os outros por generosidade.

Talvez os novos céus e a nova terra nos vão prover duma oportunidade para voltar a cultivar e produzir a nossa própria comida, num Éden como ambiente, embora muito pouco se diga na bíblia relativamente a isto.

Atribuição: Encontre outro assunto que gostaria de estudar desta forma.

8.3 - Aprofundando mais

Vimos como a grande história da bíblia pode moldar a maneira como interpretamos passagens individuais que lemos, e como as doutrinas podem ser correctamente conciliadas, vendo desenvolvimento de certos temas ao longo de toda a história.

Esta sessão estuda como olhar para as diferentes partes da bíblia, e, em particular, como podemos ter relações na grande história, que nos darão uma compreensão mais enriquecida das escrituras que estudamos.

Olhando para a narrativa

Narrativa é a maneira como olhamos para as partes históricas da bíblia. Algumas histórias na bíblia podem ser confusas, particularmente quando as personagens que conhecemos são escolhidas por Deus fazendo coisas que consideramos erradas. Por exemplo, como é que Jacó toma 04 mulheres diferentes para constituir família? E Deus parece bem com isso. Lendo uma história como esta conduz a todos os tipos de imoralidade. Portanto, a história na bíblia precisa ser lida para que você acompanhe todo o enredo e veja o que está a decorrer. A bíblia raramente fará comentário sobre as

virtudes e os defeitos do que está a acontecer; por isso, deixa-se à sua avaliação para ver se as decisões que as pessoas tomam são sábias ou estúpidas. Para Jacó (e todas as relações polígamas na bíblia), vemos muito sofrimento e muitas dificuldades como resultado das relações que não reflectem os planos divinos na criação. Portanto, leia uma história por completo, e permita que ela se comunique consigo. Reflita sobre o que pode aprender das suas fraquezas, ou descobrir encorajamento na sua fé. A bíblia foi escrita como uma literatura de mediação, o que significa que os autores esperavam que as pessoas lessem e relessem as histórias, adquirindo discernimentos e sentidos, que eles consideraram palavras específicas, histórias, comportamentos e números que foram vistos em outros lugares na bíblia.

Repetindo palavras: algumas palavras se destacam ao longo da história bíblica, e vinculam estas histórias a uma grande história. A título de exemplo, a palavra “descendência” é usada em momentos significativos. Constatamos que Eva lhe foi prometida uma descendência que pisará a cabeça da serpente. Abraão ouviu a Deus a prometer lhe uma “descendência”, que traria a Sua bênção às nações. Isaías profetizou sobre uma criança que tomaria o domínio eterno de Deus. Os evangelhos de Mateus e Lucas apresentam uma análise desta descendência que, finalmente, vem à terra. Em Apocalipse, a “descendência” escapa do dragão e é levada a dominar ao lado de Deus. Estas palavras vinculam estas passagens à mesma grande história, e ajudam-nos a entendermos o sentido de cada história separada.

Repetindo histórias: às vezes, constatamos certos elementos numa história repetidos numerosas vezes. Por exemplo, as águas caóticas são aparentemente mencionadas frequentemente. Vemos estas águas antes da criação, quando a terra era oca e sem forma. Novamente, elas aparecem na narrativa do dilúvio, quando Deus retira a Sua mão amparadora da criação, e o mundo volta ao caos. Moisés guia os israelitas pelas águas, que ameaçavam retê-los, e Josué, semelhantemente, guiou o povo pelo Jordão, para a terra prometida. É aqui que podemos ver o simbolismo do baptismo a tornar-se uma parte tão importante da história, primeiro, com João, o Baptista, em seguida com Jesus. No livro de Apocalipse, há um mar de vidro na sala de trono, nunca mais agitado nem furioso, mas em repouso completo.

Repetindo tendências: às vezes, constatamos certos elementos numa história repetidos numerosas vezes. Por exemplo, as águas caóticas são aparentemente mencionadas frequentemente. Vemos estas águas antes da criação, quando a terra era oca e sem forma. Novamente, elas aparecem na narrativa do dilúvio, quando Deus retira a Sua mão amparadora da criação, e o mundo volta ao caos. Moisés guia os israelitas pelas águas, que ameaçavam retê-los, e Josué, semelhantemente, guiou o povo pelo Jordão, para a terra prometida. É aqui que podemos ver o simbolismo do baptismo a tornar-se uma parte tão importante da história, primeiro, com João, o Baptista, em seguida com Jesus. No livro de Apocalipse, há um mar de vidro na sala de trono, nunca mais agitado nem furioso, mas em repouso completo.

Repetindo números: Repetindo números: certos números são repetidos em várias histórias, e podem ser vistos ligando as mesmas. O número 40 é provavelmente o melhor exemplo, aparentemente usado quando se ilustra a prova da fé. Assim sendo, temos Noé na arca, durante 40 dias e noites de chuva, Israel no deserto, por 40 dias, e Jesus no deserto por 40 dias. O número 7 é também favorito.



Olhando para a poesia

A poesia encontra-se em qualquer lugar na bíblia, nas secções narrativas, nos livros proféticos e em Salmos. Os autores fazem uso profundo de metáforas, e, frequentemente, fazem uma referência anterior a eventos históricos para enfatizar a sua importância. A título de exemplo, encontramos o profeta Isaías (Isaías 17:12-13) a comparar as nações rebeldes a águas caóticas que vimos antes. Isto ajuda o leitor a entender o caos e a instabilidade que causou, e o caminho por que escapariam à voz de Deus, assim como o Mar Vermelho fez ao comando de Moisés.

Se o autor fala de flores e dum jardim, normalmente, ele volta a referir-se ao jardim de Éden, e os planos que Deus tem para restaurar tudo o que estava perdido. Similarmente, quando eles falam de espinhos e cardos, é normalmente, uma maneira de falar do juízo que está por vir a uma nação.

Olhando para os textos apocalípticos

Estes são livros tais como Zacarias, a segunda metade de Daniel, e o mais conhecido Livro de Apocalipse. Todos estes contêm um grande simbolismo que parece, à primeira vista, muito confuso. “Apocalipse” simplesmente significa “revelar”, como se estas imagens e símbolos os alcançamos para espreitar a perspectiva de Deus. Frequentemente, os símbolos usados nestes livros foram antes usados algures, e, portanto, a melhor maneira de os entender é voltarmos ao lugar em que primeiramente foram usados. O livro de Apocalipse está repleto de simbolismos e referências ao Antigo Testamento. Assim precisamos reservar um tempo para o ler, e, provavelmente, precisamos usar outros comentários para nos dar uma compreensão completa do que está a ser revelado.

Por exemplo, há uma fascinação contínua pelas bestas de Apocalipse. De onde elas vêm?

Pela nossa leitura de toda a bíblia, podemos dizer o seguinte;

- As bestas foram criadas ao lado da humanidade, no 6º dia, mas nunca lhes foi dada a imagem de Deus, da mesma maneira que a humanidade.
- A humanidade frequentemente pode agir como bestas quando estiver em rebelião contra Deus.
- O profeta Daniel vê os impérios do mundo sendo representados por bestas, vivendo em rebelião contra Deus e destruindo o povo de Deus.
- O livro de Apocalipse usa estas mesmas imagens, paralelamente às imagens do dilúvio, êxodo e exílio. A sua mensagem é de que o verdadeiro povo de Deus sairá da perseguição e com Jesus.

Tudo isto pode parecer muito complicado. Esta sessão propõe-se a dar-lhe alguns meios adicionais para continuar a estudar e encorajá-lo a continuar a aprender e a crescer. Finalmente, a bíblia destina-se a compreender-se na comunidade. É simplicíssimo que uma criança entenda a grande história, mas, quanto mais você ler, mais descobrirá o quanto há muito mais para entender completamente, e o quanto nós precisamos um do outro para partilhar as nossas ideias, questões e nossos conhecimentos.

Pergunta para discussão: Encontrar outras metáforas que se repetem na bíblia.

8.4 - Reformulando tudo em torno da grande história

Enfim, chegamos ao fim do nosso curso. Assim se espera que você tenha achado novos meios úteis para ler, entender e aplicar a bíblia. Esta sessão é mais pessoal e reúne algo da minha própria jornada de descoberta na leitura da bíblia como uma história ampla, e como ela redefiniu muito a minha percepção daquilo que Deus está a fazer e como se envolver.

Reformulando o nosso pensamento

Em torno da pregação do evangelho - Precisamos recuperar a mensagem mais importante já dita, que, de certo modo, ficou perdida ou distorcida em muitas tradições cristãs. O evangelho é muito mais uma história ampla do que imaginámos. Jesus é o verdadeiro Rei de todos, e todo aquele que se submete ao Seu domínio é bem-vindo à família de Deus. A nossa mensagem de salvação não é sobre fugir do mundo, com o seu pecado e juízo final. É mais sobre ser salvo por Deus das forças que nos mantiveram na servidão e, portanto, trazer esperança e cura à criação que Deus ama.

Crentes são a nova criação - O Paraíso não é um lugar distante, lá acima. Como crentes, já vivenciamos a nova criação. O Paraíso e a terra foram unidos em nós. Esta percepção mudou a maneira como eu oro, como eu adoro, a maneira como eu penso de mim e dos desafios que encaro. Jamais sou eu apenas a tentar fazer o meu melhor. Realmente posso sentir a presença poderosa de Deus aonde quer que eu vá.

Amado em vez de obedecer a lei - Embora muitas igrejas pareçam mais preocupadas com aspectos externos e o que você pode fazer e não pode fazer como cristão, a história que temos é muito mais sobre crescermos em nosso amor. Esta é a marca da maturidade cristã. É o acto de que Deus parece mais preocupado, assim como nós.

A Igreja é vital nos propósitos de Deus - Deus preferiu revelar-Se por meio da verdadeira vida das comunidades, demonstrando o poder do Espírito Santo em transformar as vidas para ser cada vez mais generosas, misericordiosas, dignas e outros atributos vitais. Isto não é simplesmente algo que acontece. Precisamos de outros em nossas vidas, que nos amam, que nos guiam, que nos mostram o caminho certo, orando por nós e encorajando-nos. Semelhantemente, precisamos daqueles que não são como nós, que são duma cultura ou origem diferentes, que podem discordar de nós ou irritar-nos ou provavelmente nos odiar. Há pessoas incomparáveis que Deus usa para nos edificar. Lembre-se, o amor é um sinal de maturidade, e é fácil de amar aqueles que são como nós, mesmo os descrentes amam aqueles que os amam. A verdadeira igreja a trabalhar como Deus planeou terá conflitos, diferenças de opinião, muitos métodos e práticas diferentes, mas será também um lugar onde pessoas desamparadas são amadas e curadas, onde diferentes culturas são reconhecidas e celebradas e onde os espectadores impressionados por um grupo tão diversificado podem verdadeiramente amar um ao outro.

A Igreja não é a meta, mas o reino o é - Com o nosso valor alto da comunidade clerical, podemos ser enganados por pensar que devemos colocar todos os nossos esforços em fazer da igreja a mais gloriosa possível. Na verdade, essa não é a nossa meta. A igreja existe para trabalhar em comunhão com Deus, a fim de trazer a criação inteira sob o domínio de Cristo. A meta é o reino. É disso que é digno darmos o nosso melhor. O reino avança, assim que as pessoas são curadas e libertas, e assim que elas são propositalmente libertas para ser a boa nova para os seus próximos e as suas comunidades.

Reformulando a nossa pregação

A questão que está em minha mente sempre é: "Jesus é herói?". Podemos, frequentemente, fazer os nossos encontros da igreja sobre nós. Entoamos canções que declaram o quanto dedicados e encantados estamos. Pregamos mensagem que desafiam as pessoas a abandonar o pecado, a envolver-se mais seriamente com Deus, a dedicar-se aos propósitos de Deus. Podemos mandar pessoas, quer se sintam bem pelos seus altos níveis de comprometimento, quer se sintam culpadas por não parecer ter o que leva a viver uma boa vida cristã. Em qualquer caso, mandar as pessoas esforçarem-se produzirá poucos frutos para Deus. A nossa pregação precisa reconhecer Jesus como o único herói. O único que pode salvar aqueles que se perdem. O único que perfeitamente obedece ao Pai. O único que pode fazer com que o Espírito Santo agrade as nossas vidas e produza frutos dentre nós. Fazemos bem por regularmente mandar pessoas da nossa pregação com temor renovado ao que Jesus é e ao que Ele tem feito por elas, e o que Ele faz naqueles e por aqueles que crêem nEle.

Reformulando as nossas igrejas

As igrejas são frequentemente vistas pelo mundo como seus inimigos, assim isso evitará o maior envolvimento possível. Ver o mundo como Deus o vê, como a boa criação que precisa de redenção, ajudar-nos-á a sair dos nossos caminhos para ser influenciadores. Não seremos receosos de ser "contaminados" pelo pecado, pelo contrário, ver-nos-emos como meios para a misericórdia de Deus, alcançando as pessoas que, desesperadamente, querem ouvir a boa nova. Somos chamados a começar a reformular o mundo à nossa volta, a viver nos caminhos que reflectem a época vindoura, em vez da época em que vivemos.

A respeito disto, há um chamado constante de Deus para cuidar dos necessitados, para ir aos mais vulneráveis, para apoiar a justiça dos oprimidos. Nunca fomos destinados a ser pessoas que cuidam das almas das pessoas, nem a estar muito preocupados com os seus corpos.

Naturalmente, isso provocará conflitos naqueles que ganham com a opressão. Uma parte do nosso domínio com Cristo é sofrer com Ele, pela rejeição, abuso e perseguição total.

Todavia, no nosso domínio com Ele, começamos a amar o mundo como Ele o faz, mesmo nos tratando mal.



Colin Nichols é casado com Pam, e eles têm 3 filhos.
Estão actualmente sediados na África do Sul, liderando a formação com a Issachar Alliance, uma rede de movimentos de formação de discípulos e de plantação de igrejas.

Design e layout por Pepperfish.co.uk

*O Pepperfish oferece um serviço criativo às empresas,
instituições de caridade e igrejas em todo o mundo.*

